

DELIASSUS

AS THEORIAS  
MODERNAS DA  
CRIMINALIDADE

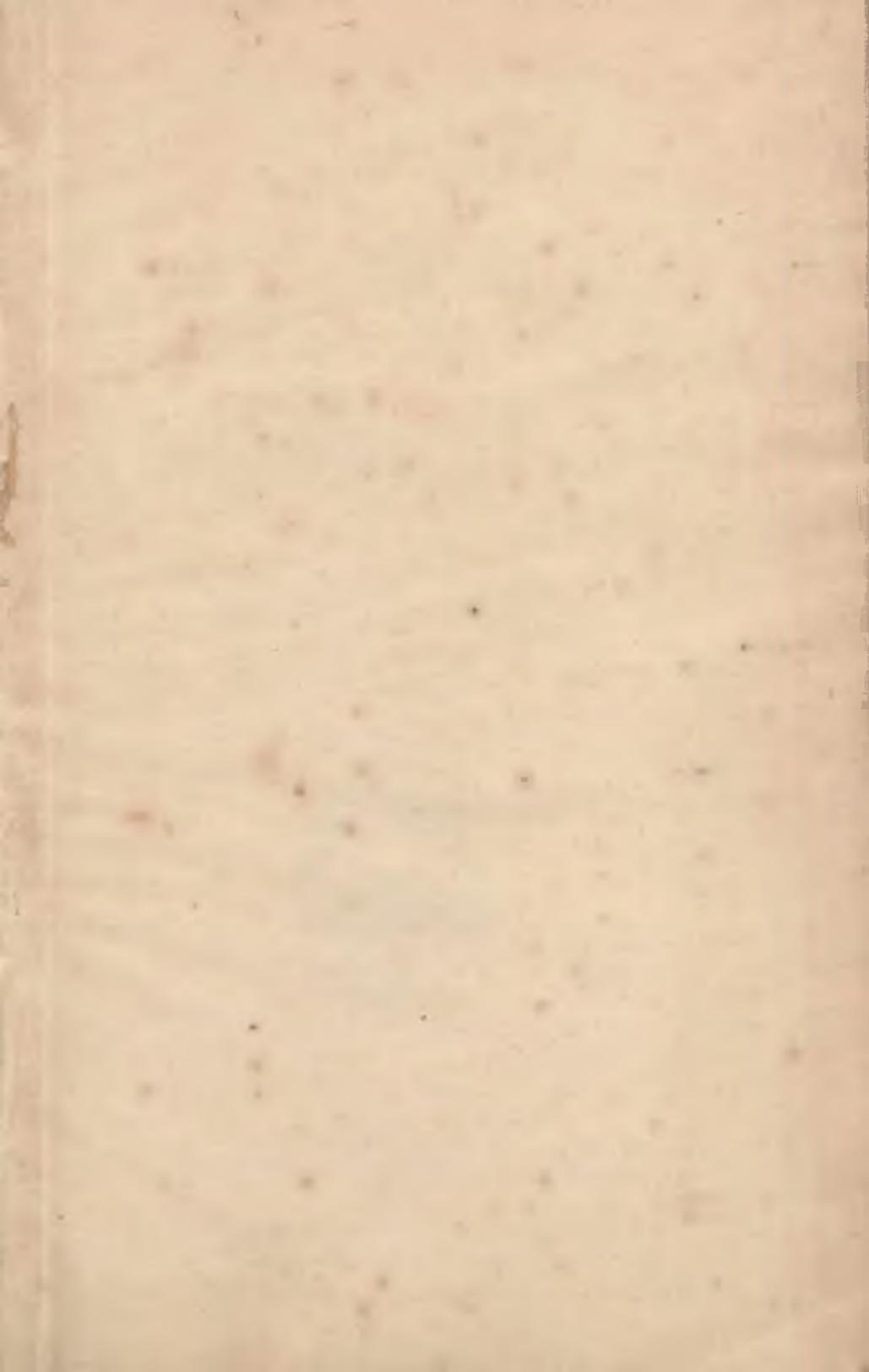
F

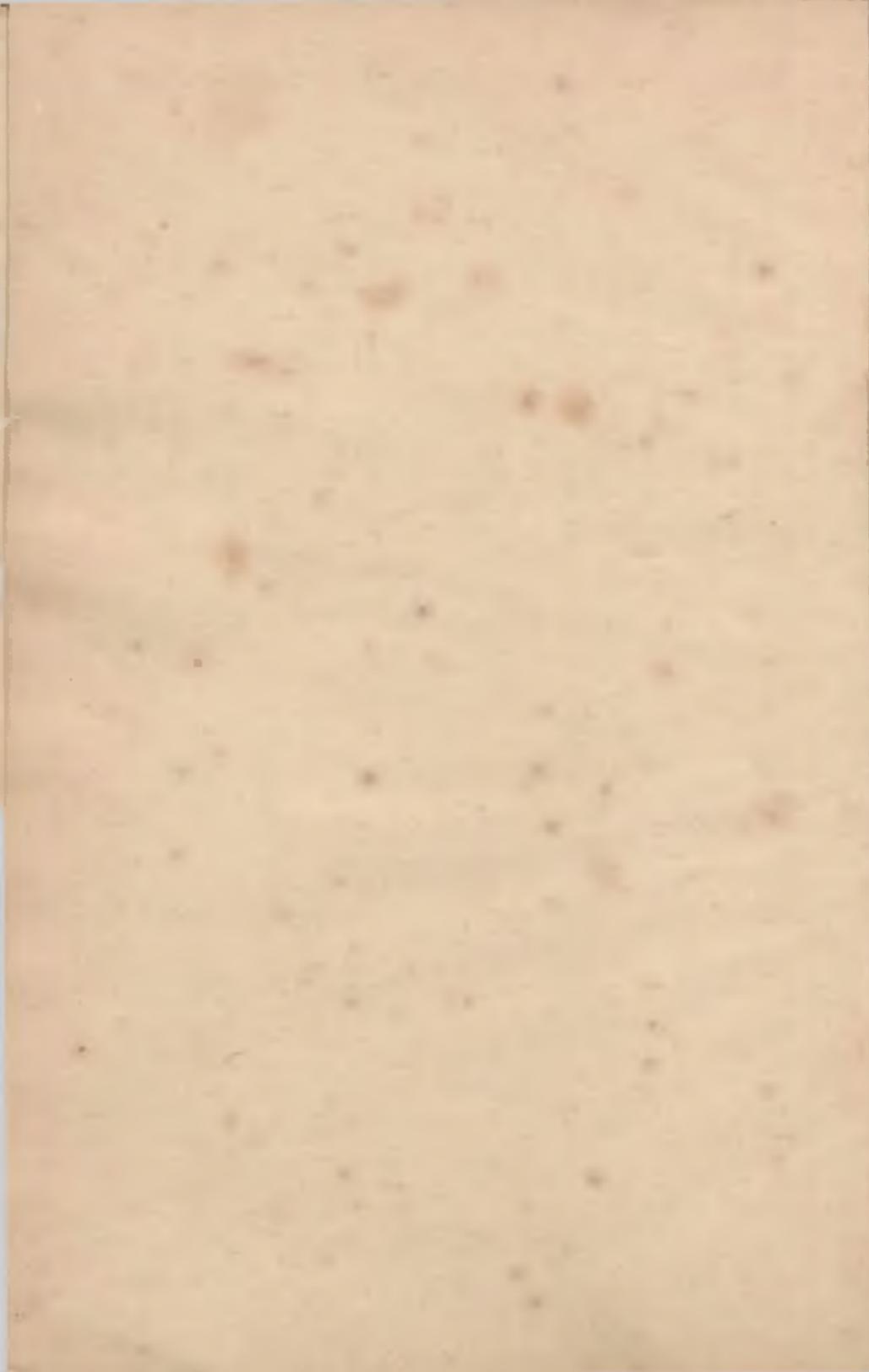
341.59

D839r

F.D.R.







COLLECÇÃO «SCIENCIA E RELIGIÃO»

LXX

**DR. DELASSUS**

PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA DE LILLE

# As Theorias Modernas da Criminalidade

*Versão de GOMES DOS SANTOS*



PÓVOA DE VARZIM

**LIVRARIA POVOENSE — EDITORA**

DE

**JOSÉ PEREIRA DE CASTRO**

Agente geral no Brazil — Livraria Salesiana Editora — S. Paulo

22

UNIVERSIDADE DO RECIFE  
FACULDADE DE DIREITO  
BIBLIOTECA  
F285 | 193-57

## PREFACIO

---

*A anthropologia criminal, isto é, o estudo anatomico, physiologico e psychologico dos criminosos, tem o condão de attrahir a attenção do mundo scientifico.*

*Esse estudo interessa até as pessoas que, pela sua situação ou pela sua instrucção, não se exercitam habitualmente nas vias arduas da sciencia.*

*Para explicar este phenomeno podemos invocar muitas razões.*

*Em primeiro logar, a anthropologia criminal fez sensação com a sua entrada brilhante na scena do mundo. Em logar de se apresentar humilde e modesta como convém a uma estreade, saltou a pés juntos para o circulo onde deliberavam, com ar grave e recolhido, as outras sciencias, suas irmãs mais velhas.*

*Acotovelou esta, empurrou aquella, derribou aquelle outro, disse a todas coisas desagradaveis, agitou-se, engrossou a voz para sublinhar as suas*

*affirmações, segura de si mesma, convencida da sua importancia, altiva pelo papel que aspirava a desempenhar.*

*Sabia muito bem que para triumphar, no mundo, é necessario não receiar enganar-se. A multidão, mesmo cultivada e instruida, sempre se deixará seduzir pelas affirmações magistraes, apoiadas por documentos cuja exactidão só alguns raros sabios irão verificar. *Vulgus vult decipi.**

*A anthropologia criminal apresentava-se sob o patrocínio do doutor Cesar Lombroso, de Turim, em volta do qual logo se aggrupava uma phalange de ardentes discipulos, cujo conjuncto constituia a Escola italiana.*

*A esta primeira causa de successo, proveniente da acção unida dos protogonistas da ideia, é necessario accrescentar a propria natureza da sciencia que pretendia fundar. A anthropologia era, ha muito tempo, o objecto das investigações de numerosos sbios; mas não podia interessar senão os homens da sciencia pura. O publico médio, todavia curioso, pouco se importava com as discussões do craneo d'um Bosciman ou d'um Pelle Vermelha; o indice nasal d'um negro deixava-o bastante indifferente e jámais poderia apaixonar-se pelo angulo glacial d'um chimpanzé.*

*Mas eis que apparece alguém a falar-lhe em criminosos, em personagens e em assumptos infelizmente muito communs; mediram-se, pesaram-se, cubaram-se cabeças e craneos de ladrões*

*e de assassinos. Trata-se de coisas que o rodeiam, no meio das quaes vive, e sobre as quaes a imprensa todos os dias conversa com os seus leitores.*

*Já não são abstracções nem trabalhos especulativos; são realidades vivas e vividas; e comprehendendo-se que a attenção d'esse publico se fixasse sobre semelhantes questões.*

*Ainda não é tudo. A uma entrada sensacional na arena da publicidade, ao interesse immediato do assumpto, o joven medico accrescentava ainda a audacia de theorias novas e subversivas.*

*Sem hesitar, atacava, e resolvia até, os mais difficeis problemas da philosophia e do direito: o livre arbitrio, a repressão penal, etc.*

*Era mais do que o preciso para dar que falar.*

*Era uma declaração de guerra; as hostilidades ainda duram. Livros, brochuras, jornaes e conferencias amontoaram documentos, pró ou contra as theorias novas.*

*Como este estudo dos criminosos não podia ficar no terreno puramente theorico e especulativo, necessariamente foi preciso que elle se occupasse das consequencias práticas das suas investigações e descobertas.*

*Tornou-se necessario que abordasse a questão da responsabilidade, a do livre arbitrio, e, por consequencia, a da repressão, sua legitimidade e sua natureza. Vê-se que largo era o quadro que, á primeira vista, poderia parecer bem limitado.*

*As sciencias biologicas e a sciencia juridica entrecruzam por tal fórma as suas affirmações, na inextricavel rede d'estes dominios, que era justo, effectivamente, convidar os seus adeptos, — medicos e jurisconsultos, — a reunir os seus esforços para chegar mais facilmente á verdade.*

*Tambem era justo que essa sciencia, — nova em relação ao aggrupamento dos seus elementos, — tivesse os seus órgãos e as suas assembleias.*

*Os arquivos de anthropologia criminal ha doze annos que conservam os seus leitores ao corrente do movimento das ideias n'esta parte da sciencia e constituem um dos seus órgãos mais interessantes e mais lidos.*

*Como os Congressos estão em moda, organisaram-se algumas d'estas reuniões para a discussão de tão graves assumptos; e Paris, Bruxellas e Genebra, depois de Roma, foram escolhidas como local de reunião d'estes parlamentos dos novos cientistas.*

*Mas os innovadores abusaram das suas conquistas, atacando os estados visinhos, isto é, as constituições e as ideias geralmente aceites.*

*Verificar os factos, entregál-os á apreciação dos sabios, provocar investigações, esperar os resultados antes de concluir, tudo isto seria fazer obra imparcial, prudente e séria. Mas não foi assim que obrou a nova escola. Sobre frageis bases, — quantas vezes lhe demonstraram issol — quiz edificar uma doutrina scientifica, quiz erigir uma philosophia.*

*É, portanto, permittido demonstrar onde, quando e como os seus partidarios sahem do seu papel, tanto como é justo admittir e approvar as reaes descobertas que elles possam fazer.*

*Se se apresentam como adversarios, é necessario não temêl-os, mas combatêl-os; se se apresentam como innovadores, é preciso não desprezál-os, mas submettêl-os á critica.*

*E eis a razão porque nós não nos devemos conservar afastados d'esta corrente scientifica: para a não deixar monopolisar pelos inimigos das nossas convicções e por que ella contém numerosos elementos de verdade.*

---

F. & D.



## CAPITULO I

Historia. — Doutrina corrente. — Ideia dirigente das novas theorias : transformismo e hereditariedade. As plantas criminosas e os animaes criminosos. — Caracteres anatomicos do criminoso : craneo, face, nariz e orelhas. — Typo criminal. — Sua utilidade, segundo Lombroso. — O methodo do registro anthropometrico de Bertillon.

Disse um poeta satyrico :

Estava o direito em paz, quando Lombroso veiu.  
Logo a guerra estalou...

Effectivamente, o doutor Lombroso, professor de medicina legal em Turim, foi quem, em 1870, soltou vigorosamente o grito de guerra contra as theorias admittidas em criminalidade. Aggrupou-se em volta d'elle um certo numero de discipulos; tornou-se o Camillo Desmoulins d'uma revolução cujos adeptos, fogosos innovadores, deram um vigoroso assalto á secular Bastilha do Direito Penal classico. Nascido na Italia,

este movimento conservou-se particularmente ahi com mais calor, mas não tardou a invadir os outros paizes, como a França, a Allemanha e a Austria, onde alguns sabios considerados repetiram o grito de guerra: «Delenda Carthago!»

Visto que as theorias que eu tenho a expôr teem a pretensão de ser innovadoras, revolucionarias, julgo conveniente fazer, ao menos em duas palavras, a exposição da theoria classica que ellas aspiram a substituir.

**Theoria classica.** — Em presença d'um crime praticado por um individuo, o simples bom senso obriga-nos a fazer a seguinte serie de raciocinios:

Este homem praticou um crime.

Era livre ao praticá-lo.

Logo, é responsavel.

Logo, é culpado.

Logo, deve ser castigado, — a menos que não se demonstre que o seu livre arbitrio se encontrasse paralyzado ou aniquilado por circumstancias *pathologicas, biologicas, sociaes*; n'esse caso, a sentença terá de considerar esses elementos, para fazer uma justa apreciação do facto.

É indispensavel observar, antes de mais nada, que, por base dos nossos juizos, suppomos a existencia do livre arbitrio, ao passo que as novas theorias formalmente o rejeitam.

Ouçamos estas negações precisas e radicaes. Diz o doutor Letourneau: «A antiga philosophia

do direito penal, baseada sobre o livre arbitrio, inspira-nos hoje piedade.» E Haeckel: «O dogma do livre arbitrio é scientifica; absolutamente insustentavel.» Para Tarde, o livre arbitrio é uma doutrina envelhecida, antiquada, anti-scientifica.

Não é este o momento para defender a these do livre arbitrio, sobre a qual temos, aliás, uma convicção feita.

Compreende-se, depois d'isso, que sejam falsas *á priori* as theorias que teem por ponto de partida semelhante negação, e, por esse facto, podiamos recusar-nos a proceder ao seu exame. Mas queremos demonstrar que essas theorias, já insustentaveis sob o ponto de vista philosophico, não tem solidez alguma nas bases scientificas em que pretenderam estabelecer-se, nem nos argumentos positivos com que as querem escorar. Parece-me util fazer esta verificação para demonstrar aos innovadores que não são sómente as nossas convicções philosophicas que nos impedem de acreditál-os, mas ainda os nossos conhecimentos scientificos. São elles que nos desafiam para este terreno, acceitemos o seu convite, com a inabalavel confiança que dá a certeza da verdade.

Portanto, abordemos a exposição d'estas theorias. E' justo que comece pelas de Lombroso. Digo «pelas», no plural, porque o sabio italiano não é sómente «evolucionista» em historia natural, tambem o é nas suas opiniões.

Vejam os pois a doutrina de Lombroso na sua primeira maneira.

Para a comprehender bem, para lhe penetrarmos a verdade e a logica, é necessario recordarmo-nos de que o autor é materialista, partidario convicto da doutrina da evolução, o que quer dizer que acredita que, unicamente pelo concurso das forças da natureza, a materia, inorganica a principio, se tornou organica, e depois organizada, e depois viva, — e isto sómente pelo jogo das acções e reacções physicas e chimicas dos elementos em presença, sem que, mesmo no principio, qualquer causa sobrenatural fôsse a causa d'estas transformações.

Darwin, o pae do transformismo, fôra menos exclusivo. Li já, algures, e a proposito, a seguinte anecdota: No principio, Darwin disse a Deus: «Senhor, serieis bem amavel se me concedesdesseis uma cellulasinha. — De muito bom grado, meu filho; aqui a tendes. — Senhor, concedei á minha cellula o poder de evolucionar. — Mas que pretendeis fazer com ella, meu bom Darwin? — Concedei-me o que vos peço e depois vos responderei. — Pois bem, seja; faça-se segundo a tua vontade! — Agora, Senhor, já não tenho necessidade de vós; podeis retirar-vos.» E a cellula, evolucionando, tornou-se successivamente protozoario, mollusco, peixe, ave, macaco e homem. Devemos confessar, que, para uma cellula, era uma bella carreira.

Mas aqui ao menos, ainda encontramos Deus.

Só depois, é que pura e simplesmente se supprimiu este incommodo sêr.

Portanto, não nos resta senão a propriedade evolutiva da materia, com o seu caracter fundamental e necessario, a *hereditariedade*, base da *theoria*.

Sabe-se o que é a hereditariedade: é a propriedade que tem o gerador de transmittir ao gerado certos caracteres que lhe são particulares, além d'aquelles que pertencem á sua especie ou á sua raça.

Lombroso e os seus partidarios raciocinam assim: O homem é apenas um animal superior aperfeiçoado, os proprios animaes superiores não são mais que animaes inferiores aperfeiçoados, e assim successivamente, remontando na serie dos sêres. Logo, se eu encontrar no homem um caracter *anormal*, que accusa um regresso ao passado, devo encontrar este caracter em estado *normal* nos antepassados do homem. Ora, o crime é um caracter anormal e um signal de degenerescencia, de regressão; logo, devo encontrá-lo nos animaes, e talvez, mesmo, nas plantas.

E, imperturbavelmente logico, Lombroso procura os primeiros vestigios do crime, — onde? N'uma planta, a *Dionia*, conhecida vulgarmente sob o nome de «apanha môscas». O seu nome indica a sua particularidade. Pois bem! Lombroso não hesita em escrever que «estas plantas praticam verdadeiros assassinatos sobre os in-

sectos» e que, n'estes factos, «julga entrever os primeiros esboços do crime».

Em verdade, a logica é uma bella cousa!

E então entre os animaes? Lombroso não se farta de bedelhar sobre os generos de crimes que elles praticam.

Os lobos comem-se uns aos outros; nem respeitam os irmãos. Cannibalismo! Fraticidio!

As fêmeas dos animaes comem muitas vezes os seus filhos: infanticidio!

As rapozas novas devoram-se mutuamente e algumas vezes devoram as mães: cannibalismo e parricidio! E, no decurso de muitas paginas, desfila o lugubre quadro dos crimes praticados pelos nossos antepassados ou pelos seus representantes actuaes, e os castigos inflingidos pelos animaes aos seus semelhantes delinquentes.

Entre o homem civilisado e os animaes, os selvagens tem o seu logar, minuciosamente indicado por Lombroso; numerosas paginas do seu livro são consagradas aos crimes praticados por estes seres inferiores. Infanticidios, assassinato de velhos, os sacrificios humanos do Dahomé, o roubo, — considera tudo isto natural entre essas populações primitivas, e nem sequer mostra duvidar de que os factos, direi antes as historias que narra, possam ser apocryphas, ou excepçionaes, ou susceptiveis d'outra interpretação.

Um sabio positivista difficilmente poderia alicerçar uma theoria materialista sobre uma base tão fragil.

Lombroso lembrou-se de que lhe podiam pedir argumentos positivos; e procurou-os com um ardor a que é preciso prestar inteira homenagem.

Se a alma não é nada, se nossas faculdades intellectuaes e moraes não são mais que a expressão fatal da funcção do organismo, não é logico procurar n'esse organismo a causa d'essa anomalia de funcção que é o crime na nossa época? Não é logico procurar no corpo dos criminosos conformações que os aproximem dos selvagens e dos animaes? E como a demonstração se tornaria conveniente se, a cada especie de crime, correspondesse uma conformação organica particular!

Partindo d'esta ideia; Lombroso dissecou os criminosos, pesou-os, mediu-os, photographou-os; vamos acompanhál-o nas suas investigações, fiscalizando-as e muitas vezes refutando-as com as investigações de outros sabios, cujo testemunho não póde ser suspeito de parcialidade ou de fraqueza para com as ideias philosophicas que elle combate. Não teremos que intervir na lucta. Se Lombroso succumbir, não será sob os golpes dos seus inimigos, mas sim dos seus amigos.

E' preciso dizer aqui que a Escola Italiana distingue entre os criminosos, em primeiro lugar o criminoso de occasião, no qual a deliquescencia só accidentalmente se manifesta; denomina-o *criminaloide*. Mas o typo sobre o qual

concentrou a sua atenção é o do *criminoso-nato*, isto é, aquelle que, desde o seu nascimento, se encontrou constituido e organizado de tal fórma que o crime será para elle como que uma função normal. Será criminoso pelo mesmo titulo por que poderia ser gago.

**Caracteres anatomicos.** — Procedamos agora á dissecação d'este criminoso.

O cerebro, diz Dallemagne, concebe o crime, elabora-o e fornece a energia necessaria para a sua execução.

O seu estudo é, por isso, particularmente interessante; deve encontrar-se na sua conformação a causa anatomica d'esse facto, o crime.

Mas o cerebro só se torna accessivel nos cadaveres; e, sobre os vivos, o respeito pela propriedade alheia obriga os sabios a contentarem-se com o exame do continente, visto não poderem examinar o conteúdo.

O continente é o *craneo* que, n'uma certa medida, permite avaliar o cerebro, inaccessivel nos vivos e ausente nos esqueletos.

Assim, voltou-se em todos os sentidos, pesou-se, cubou-se, mediu-se os diametros, os angulos, as curvas dos craneos dos criminosos, para lhes encontrar características que fossem bem especiaes. E nada se encontrou, nada que fôsse capaz, não já de convencer, mas sómente de perturbar por um momento a convicção contraria.

Analysou-se tambem a *face*, cujo estudo é capital em anthropologia ; e eis porquê.

A face contém os órgãos dos sentidos, osapparelhos da mastigação, função inferior e puramente animal. Por isso, a face é proporcionalmente tanto mais desenvolvida quanto menos o fôr o craneo. Á medida que descemos na escala animal, váe sendo successivamente maior.

Os criminosos, que devem ser sêres inferiores, não teriam na face caracteres que os approximassem dos selvagens, dos macacos, etc. ?

Examinemos em particular a maxilla.

As raças primitivas, os selvagens que despedaçam a sua presa, deviam ter uma grande força de mastigação e dentes solidos.

Os musculos que actuavam as maxillas deviam ser potentes e bastante volumosos ; careciam, por isso, de largas superficies de inserção, devendo os ossos ser egualmente solidos, largos e volumosos.

Os criminosos deveriam pois recordar este typo ancestral.

Lombroso pesou a sua maxilla e encontrou uma média em mais de 4 grammas sobre 80. O proprio Lombroso disse que o resultado não correspondêra á sua expectativa.

Relativamente aos outros caracteres da face, a orelha e o nariz, devo limitar-me a uma observação geral. É que a medida dos diametros, dos indices, dos angulos faciaes, deu resultados dos quaes seria difficil tirar uma conclusão firme.

Não tenho espaço para insistir sobre uma quantidade de caracteres a proposito dos quaes teria de repetir constantemente a mesma apreciação: duvidoso, controverso, inconstante, não especial aos criminosos.

Passarei pois em silencio a estatura, o peso, as visceras thoracicas e abdominaes, a pelle, as rugas, o pé...

Deter-me-hei sómente sobre o *cerebro*, cuja importancia já foi posta em relevo sob o ponto de vista da sua significação.

Na serie animal, incluindo o homem — e isto sem faltar ao respeito a ninguem, — o cerebro é relativamente cada vez mais volumoso á medida que se sobe na escala dos vertebrados.

Observe-se ainda que o accrescimo, o augmento de volume, se obtem pelo desenvolvimento de certas partes, isto é, a especie superior tem tudo o que possui a especie inferior, e ainda mais alguma cousa.

Sob este ponto de vista o homem differe dos macacos superiores por um desenvolvimento consideravel dos hemispherios e particularmente da parte anterior ou frontal.

Eis o facto.

Quanto mais os hemispherios se desenvolverem, tanto mais a sua superficie se enrugará, formando essas saliencias e essas concavidades conhecidas sob o nome de circumvoluções, e cujo numero e importancia accusarão um grau mais ou menos avançado na série.

Ora, visto que o cerebro é para uns o órgão e para outros a séde do pensamento, admittir-se-ha que, quanto menos desenvolvido este órgão, menos perfeito será o individuo, e mais se aproximará dos sêres que estão abaixo d'elle na série animal.

E o criminoso, que, segundo a theoria, deve recordar-nos os typos inferiores, deverá ter, portanto, um cerebro mais pequeno, menos frontal, menos enrugado que o homem normal.

Houve quem o affirmasse, como já o tinham feito em relação ao craneo, mas a contradicção a todos se patenteou.

Desejava-se mais, queria-se um cerebro-typo, de tal modo que pela sua inspecção se pudesse affirmar que nos encontravamos em presença d'um cerebro de criminoso.

Benedickt encontrára este character indubitavel no desdobraimento d'uma circumvolução frontal, a primeira. Segundo parece, essa circumvolução não era a bôa, porque tempos depois admittia o desdobraimento da segunda frontal. Mas, infelizmente, esta anomalia encontrava-se frequentemente no cerebro dos alienados.

O que tambem frequentes vezes se encontrou nos criminosos foram alterações pathologicas, lesões, todas as cousas communs e banaes que não puderam constituir um typo cerebral, criminoso. É a conclusão formal do professor Debierre, de Mingazzini, Baer e outros. Dallemagne

pensa que o assumpto « está definitivamente ar-  
rumado ».

Não ha typo cerebral criminal ; e, agora, que passamos em revista a maior parte dosapparelhos humanos, podemos dizer : *não ha typo anatomico criminal*, isto é, não ha relação constante entre a constituição anatomica d'um individuo e os actos criminosos que elle possa praticar.

Observando e dissecando um individuo, não é possível dizer : era um criminoso, um ladrão, um assassino, um violador ; ou então : era um homem honesto. O crime não é fatalmente uma função dos nossos órgãos.

Por tres vezes os congressos de anthropologia criminal affirmaram a inanidade d'esta concepção, cuja realisação, no entanto, teria sido bem recebida por quasi todos aquelles que vigorosamente a combateram.

Eis como a questão do *typo criminal* foi relatada pelo doutor Manouvriez, anthropologista de profissão, no congresso de Paris.

O autor procura em primeiro logar classificar os crimes e elimina naturalmente aquelles que foram praticados por alienados, por epilepticos, por idiotas, por doentes em delirio. Estes casos pertencem á pathologia.

Muito justamente ainda, põe fóra da discussão os crimes realizados sob uma influencia *passional* passageira — colera, embriaguez, ciu-me, receio...

Restam-nos, finalmente, os crimes pratica-

dos a sangue-frio, quer habitualmente, quer occasionalmente.

Tanto entre os criminosos como entre as pessoas honestas podemos encontrar caracteres anatomicos anormaes. Encontraremos provavelmente mais nos primeiros, mas não se póde admitir que esses caracteres sejam especificos ou especiaes aos criminosos.

Quanto ao typo criminal, se o constituíssemos reunindo todos os caracteres anormaes que teem sido encontrados em milhares de criminosos, chegaríamos a formar uma especie de « bode expiatorio, de arlequim ».

No Congresso de Bruxellas, o relatorio dos doutores Houzé e Warnots foi ainda mais nitido.

Elles observaram que o predomínio de tal ou qual caracter assignalado como revelador do criminoso constitue um vestigio de raça.

Depois de terem separado nitidamente a causa de anthropologia das theorias de Lombroso, demonstraram por que modo anti-scientifico se compuzeram essas series em que as raças e os typos mais diversos se misturaram pelo acaso dos encontros. Insistiram principalmente em que os pretendidos caracteres criminaes são, na maior parte dos casos, caracteres de raça, ou dependentes da pathologia e das disformidades congenitas.

Algumas das suas conclusões merecem ser citadas :

« 1.<sup>a</sup> O typo anatomico designado pelo professor Lombroso como pertencente ao criminoso-nato é um producto hybrido, composto pela reunião de caracteres procurados em differentes origens. Logo, esse typo não é um typo real. E, admittindo que esse typo se encontre, elle só se realisa, n'uma insignificante minoria de criminosos; logo, deve ser rejeitado.

« 2.<sup>a</sup> Para constituir um typo criminal, seria necessario escolher, não sómente na mesma localidade, mas ainda n'uma mesma classe social, um numero egual de delinquentes e de não delinquentes. »

Se semelhantes argumentos fossem apresentados por partidarios das doutrinas espiritualistas ou do livre arbitrio, não faltaria quem recusasse o seu testemunho, sob o facil pretexto de que elles eram prisioneiros das suas convicções. Mas nem mesmo este fraco recurso resta a Lombroso, porque aquelles relatores julgaram dever fazer uma profissão de fé do seu materialismo e entrincheiraram-se no solido terreno da historia natural.

O que se póde e o que se deve admittir, é o seguinte :

É incontestavel e incontestado que existem numerosas e íntimas relações entre o physico e o moral, e que, á medida que uma especie ou uma raça se aperfeiçôa e se civilisa, a sua conformação e a sua constituição modificam-se,

aperfeiçoam-se, refinam. Certos órgãos soffrem apreciaveis mudanças.

É certo que, parallelamente a estas transformações organicas, as faculdades intellectuaes modificar-se-hão, as noções moraes aperfeiçoar-se-hão e a apreciação de certos factos modificar-se-ha tambem, assim como as reacções correspondentes entre o corpo e a alma.

A manifestação dos desejos, dos sentimentos, dos appetites, já não se fará do mesmo modo.

É natural que o homem do mundo, refinado e civilisado, se aproprie dos bens alheios por fórma differente da que emprega o trabalhador ou o homem dos campos; mas as differenças que se encontram no seu organismo serão characteristics, não do seu crime, mas da sua situação. O operario de musculos poderosos, de costumes menos suaves e de ideias menos civilisadas, não reagirá da mesma fórma que um guarda-livros, um homem de letras, e, tanto no mal que praticar como no bem que realisar, porá em acção a sua rudeza e a sua brutalidade natural.

Ninguem commette um crime porque tenha o cerebro, o craneo, o nariz ou a mão conformados d'este ou d'aquelle modo. Pratica-se mais facilmente um crime, e uma determinada especie de crime, porque se pertence a um meio social, onde, por hereditariedade, se tem geralmente tal craneo, tal nariz, tal mão. É incontestavel que esta questão levanta o delicado

problema das relações do corpo e da alma, mas eu prefiro ainda confessar a minha ignorancia a occultá-la por detrás de falsos argumentos scientificos.

É preciso dizer que as estatisticas que se publicam, altas como castellos, e com as quaes se pretende esmagar os adversarios sob uma sa-raivada de algarismos, não possuem a solidez que á primeira vista parecem ter.

Examinando-as de perto, verificamos que lhes falta a cohesão, e que ellas são formadas por materiaes disparatados, nem sempre de primeira escolha e recolhidos em meios diversos e não comparaveis.

O exame de quarenta ladrões e de cincoenta assassinos fornecerá algarismos e medidas que, addicionadas, não darão o total «ladrão» ou o total «assassino».

Muitas vezes, o crime é um problema individual.

Já se disse, com razão, que não ha crimes; o que ha, é criminosos tendo a sua individualidade especial, e, para poder addicionál-os e sobrepôl-os, apenas posso reunir individuos da mesma especie, coisa difficil e que necessitaria dobradas analyses, que não teem sido feitas.

**Deducções práticas.** — Mas, perguntar-se-ha, suppondo que esse typo criminal anatomico exista, que os assassinos e os ladrões tenham certos caracteres que lhes sejam especiaes, que resultado pratico derivaria d'essa proposição?

Precisamos recordar-nos de que a logica de Lombroso não se detem a meio caminho. Ouçamos novamente o que elle escreve: «Negareis que nos processos de envenenamento e de assassinato, *onde muitas vezes faltam provas*, a introdução do criterio anthropologico possa ser d'uma utilidade bem maior que um simples vestigio anatomico ou uma d'essas reacções das quaes cada anno se vê a queda ou a resurreição?

E mais adeante: «Tomae, uma só vez, por inteiro o receio do culpado, por *indicios* os caracteres *physicos e normaes* do criminoso-nato, e tereis a solução do problema relativo á tentativa, aos factos de inercia culposa, seguida de morte, que é preciso castigar quando se trata d'um d'estes miseraveis.»

Se comprehendo bem o sentido d'esta phra-seologia um pouco obscura, Lombroso admitte — são as suas proprias palavras, — que, quando as provas faltam, poderemos tirar presumpções, a favor ou contra os accusados, da ausencia ou da presença d'esses estygmata anatomicos que ha pouco passamos em revista.

N'uma das conclusões do seu relatorio, Ferri, que é uma especie de logar tenente de Lombroso, affirmava nitidamente que os caracteres anatomicos são a base physica dos symptomas physiologicos e a razão essencial da sua transmissão hereditaria, e que, se é necessario fazer um exame completo de todo o criminoso, muitas ve-

zes um ou mais caracteres organicos e physiologicos bastam para o classificar.

Labiche, o jovial Labiche, já tinha previsto alguma cousa de semelhante. N'uma das suas comedias, apresenta-nos um mancebo, Antony, que nunca conheceu seu pae. A tal respeito a mãe só lhe pôde dar dois esclarecimentos: chamava-se Anatolio e media 1 metro e 72 centímetros! Munido com estas minguadas informações, vou — é Antony quem fala, — vou passear nos *boulevards*, fixando e perscrutando todos os transeuntes. Ha dias, um homem chama outro pelo nome de Anatolio; precipito-me, saco do metro e meço-o: 1 metro e 68! — O que é que o senhor está fazendo? — Desculpe, senhor, mas faltam-lhe 4 centímetros para sêr meu pae!

Devem ser no mesmo sentido os futuros julgamentos dos futuros tribunaes — attendendo, reconhecendo... considerando que as mensurações anthropometricas classificam o accusado na categoria dos ladrões, e que lhe faltam dois centímetros para ser um homem honesto, o tribunal declara-o culpado e condemna-o, etc...

Estou gracejando, é certo; mas digam-me se, no fundo, não traduzo as ideias de Lombroso!

**Methodo dos registros anthropometricos.** — Para terminar este capitulo de medidas anthropometricas, desejaria dizer duas palavras sobre o methodo das mensurações de Bertillon, que, sem ter as ridiculas pretensões de Lombroso, presta

reaes serviços á anthropologia criminal e ás instrucções judicarias.

Comprehende-se facilmente que um delinquente reincidente tem todo o interesse em occultar aos juizes esta particularidade da sua situação; e que a justiça tem um interesse não menor em desmascarar estas manhas, para poder castigar severamente estes criminosos de profissão e reincidentes.

Eis como se procede para conseguir este resultado: Em todas as prisões de França, quando um individuo é preso, tomam-lhe um certo numero de medidas, sempre as mesmas, nas mesmas condições, e segundo uma technica uniforme.

Todas estas informações são registradas em dois verbetes, um dos quaes é enviado a Paris. Ahi, todos os verbetes são classificados e distribuidos por massos, segundo as suas medidas e caracteres anthropologicos.

Supponhamos 80:000 verbetes. Dividimol-os em tres grupos: homens, 30:000; mulheres, 30:000; creanças, 20:000. Cada um d'estes grupos, — supponhamos o dos 30:000 homens, — será dividido em tres grupos de dez mil, segundo o *comprimento da cabeça* fôr pequeno, médio ou grande, o grupo de dez mil individuos será dividido em tres grupos, de tres mil, approximadamente, segundo a *largura da cabeça* fôr pequena, média ou grande.

Estes tres mil homens serão divididos, por

sua vez, em tres grupos de mil, correspondentes ás *estaturas* média, grande e pequena; em grupos de trezentos, segundo a *largura dos hombros*; em grupos de cem, segundo o *comprimento do pé*; em grupos de trinta, segundo o comprimento do seu *cubitus*; em grupos de dez, segundo os seus *medius*; de tres segundo a *orelha*; e em grupos de um segundo o comprimento do *dedo minimo*.

Como se fizeram as mesmas divisões e subdivisões para cada um dos outros grupos, temos os nossos 80:000 verbetes distribuidos de tal modo que temos a certeza que cada um dos registros differe de todos os outros.

Mas como não é impossivel que muitos individuos tenham sete ou oito caracteres communs, e que os seus verbetes se encontrem por acaso no mesmo masso, é preciso procurar outros signaes distinctivos.

Toma-se então a côr dos olhos, com as particularidades da iris; só aqui se estabeleceram sete typos differentes. Vê-se portanto que será facil distribuir os verbetes, até então reunidos, por massos differentes,

A photographia dos individuos, — porque todos elles são photographados nas mesmas condições, — serve para confirmar o resultado das investigações anthropometricas, ao passo que outr'ora era o ponto de partida do registro, a sua peça mais importante.

Como se vê, estamos longe das antigas obser-

vações: Rosto oval, fronte média, nariz médio, bocca média, queixo redondo. Signaes particulares: Nada.

Supponham agora que é prêso em Lille um reincidente, que se occulta sob um nome falso, por exemplo, o de Lefebvre. Pretende-se conhecer a sua identidade e o seu passado.

O seu verbete anthropometrico é enviado a Paris. Ahi, seguindo o fio conductor da classificação, cujos principios expuz já, encontra-se um verbete inteiramente igual áquelle que foi enviado de Lille, mas que insere o nome de Durand, já condemnado n'estas ou n'aquellas condições. A fraude é desmacarada e o individuo tratado com os respeitos devidos á sua qualidade de reincidente.

Não se julgue que estas investigações sejam longas e complicadas. Os empregados com prática do officio conseguem chegar, em alguns minutos, ao resultado desejado.

São consideraveis os serviços prestados por este systema, mesmo sob o ponto de vista financeiro; outr'ora, a verificação da identidade d'um accusado exigia um prazo longo para as investigações, e, por consequencia, as despezas da detenção preventiva.

Agora, as informações são obtidas dentro de alguns dias e as despezas do regimen da prisão proporcionalmente diminuidas.

---

## CAPITULO II

Caracteres physiologicos e physionomicos dos criminosos  
— Difficuldades d'estas investigações. — A tatuagem.  
— O calão. — A intelligencia, os sentimentos religiosos e as paixões dos criminosos. — Reincidencia. — O criminoso-homem primitivo — O criminoso-selvagem actual. — A criminalidade infantil.

As investigações anatomicas são apenas uma parte dos trabalhos da escola de Lombroso. Elle só estudou o corpo d'um criminoso e procurou no funcionamento dos seus órgãos, nas manifestações da sua vida e da actividade, a confirmação das suas ideias.

**Critica geral.** — Logo ao primeiro aspecto se observa que estas delicadas verificações de physiologia e de psychologia apresentam numerosas difficuldades e deixam-nos em grande incerteza.

Nos caracteres anatomicos, tudo é objectivo, independente, ao mesmo tempo, do observador e do observado; tudo é palpavel, ponderavel, susceptivel de ser medido. Os centimetros quadrados ou cubicos não mudam á vontade do observador ou do observado.

Mas de que serve esta precisão, quando se

trata de factos que se subtrahe a toda a medida concreta e positiva, quando se trata de phenomenos que o individuo pôde suspender, produzir ou modificar á sua vontade?

Que confiança devemos conceder a conclusões baseadas sobre apreciações pessoais, e nas quaes as ideias e os sentimentos do observador podem ter um largo logar?

Se, no individuo observado, o craneo, os ossos, os membros não sabem mentir, somos forçados a admittir que o podem fazer a frente, os olhos, o *facies*, a linguagem, os habitos, as maneiras, — sem falar dos casos em que o proprio observador lhes attribue cousas inexactas.

Adivinha-se quantos erros e quantas mystificações podem occorrer, e comprehender-se-á que, n'estas materias, é preciso termos duas vezes razão para esperarmos fazer admittir as nossas ideias.

Estas difficuldades têm sido muitas vezes indicadas, e já um Congresso propôz a reunião d'uma commissão, composta por um certo numero de representantes de differentes paizes, que ficariam encarregados de verificar collectivamente os factos observados enunciados por qualquer dos seus membros.

Nacke dizia que, se fizessem examinar por dez anthropologistas uma centena de criminosos, ou mesmo de craneos, ficaríamos assombrados com a differença nos resultados, e até mesmo nas medidas.

A ideia era excellente, mas pouco prática; por isso, que eu saiba, jámais foi realizada.

Depois d'esta primeira reserva, é necessario fazer uma outra verificação, que tambem tem grande importancia. Argumentando um dia um candidato sobre a sua these, o professor disse-lhe: «O que ha de bom no seu trabalho, não é novo; e o que é novo, não é bom.»

Outro tanto poderíamos dizer, quasi, das investigações de Lombroso.

Os factos que elle cita são verdadeiros, as suas observações podem ser exactas, a maior parte d'ellas são até conhecidas ha muito tempo. Mas o que ha de perigoso, de inexacto, de exagerado, é a significação que lhes dá o autor, é a generalisação dos factos que podem ser uma excepção, é a interpretação abusiva a que elle os submete.

Para sermos justos, digamos que no Congresso de Paris o proprio Lombroso reconhecia que «andára com muita precipitação ao reunir os seus algarismos e ao organizar as suas estatisticas». O que não o impedia de as sustentar como exactas...

Finalmente, teremos de fazer muitas vezes a observação de que os caracteres que estudaremos foram modificados precisamente pelo genero de vida que faziam os individuos observados, e que esses caracteres poderiam desaparecer se desaparecesse tambem a propria causa que lhes deu origem.

**Caracteres physiologicos e psychologicos.** — Feitas estas observações restrictivas, podemos abordar o exame *physionomico* e *psychologico* dos criminosos.

A maior parte dos criminosos tem uma *physionomia* especial; o facto está fóra de toda a duvida.

Pintores, poetas e actores, sabem dar á mascara do criminoso as feições características.

A linguagem popular é rica em expressões significativas para qualificar este genero de *facies*: cara patibular, mau olhado, cara de ladrão, etc.

Antes de dar explicação d'este facto, é justo reduzil-o ao seu valor exacto, e lembrar com a sabedoria das nações, que não se póde julgar ninguem pela sua cara, isto é, não se póde julgar o fundo pela superficie, o que não se vê pelo que se vê.

Observemos ainda que não se trata aqui do *facies* inerte, morto, da conformação anatomica, nem mesmo do aggrupamento dos caracteres physicos, mas sim da mascara physica, mobil, do apparelho da expressão quando em funcção. É necessario até dizer: do apparelho da expressão funcção naturalmente por instincto, sem nenhuma intervenção da vontade ou da consciencia.

Anatomicamente, a explicação da *physionomia* é facil.

Não succede o mesmo com a parte do envo-

lucro do corpo onde se encontram condensados tantos aparelhos de mimica; os vinte musculos da face, os seis musculos de cada olho, os das orelhas, podem, pela sua contracção isolada ou combinada, fornecer uma gamma quasi infinita de movimentos e de attitudes.

Os nervos que fazem mover esta quantidade de agentes da expressão estão todos em communição directa com o cerebro, órgão incontestado das faculdades superiores.

Se posso dizer porque vias e com que instrumentos a alma manifesta externamente as suas paixões e os seus sentimentos, não posso dizer o «como» d'esta expressão. Esbarramos ainda com o difficil problema da união da alma e do corpo. Este assumpto não é da minha competencia, nem do meu programma. Passo adeante.

Seria necessario um volume para tratar completamente das expressões que podem tomar a fronte, enrugada por graves pensamentos, e o olhar que as paixões animam, que o prazer e a alegria fazem brilhar, o que a tristeza vela, que o odio e a crueldade gelam; bem como para desenharem o arco feito pela bôcca desdenhosa, e a expressão alegre dos labios, entreabertos pelo prazer.

Esta mimica, que não é mais que a exteriorisação inconsciente dos sentimentos, é tão natural aos criminosos como a todos os outros seres, e é incontestavel que a repetição d'um mesma mimica expressiva acaba por imprimi

aos órgãos encarregados de a traduzir uma maneira de sêr duravel e persistente.

D'aqui, conclue-se facilmente que a physionomia dos criminosos pôde reflectir o estado da sua alma, e differentemente segundo o estado da alma especial a cada qual.

N'isso, nada ha de novo nem de abstracto; pôde dizer-se que em todos os tempos se reconheceu que a face podia ser o « espelho da alma » e que as investigações da nova escola sobre este ponto tiveram o merito, simultaneamente, de confirmar as noções adquiridas sobre o assumpto, e o erro de quererem dar-lhes uma precisão que ellas não comportam.

Ha um caracter biologico ao qual Lombroso liga uma significação e um valor consideraveis, visto que lhe consagra mais de trinta paginas do seu livro. Refiro-me á *tatuagem*.

A tatuagem é um desenho qualquer traçado, ou melhor incrustado, d'um modo indelevel, na pelle, por meio de agulhas embebidas n'um pó colorido. Toda a gente tem visto tatuagens no braço dos operarios, dos marinheiros, etc.

Porque é que Lombroso liga a estes factos uma tão especial importancia?

É sempre a mesma ideia dirigente.

Os selvagens tatuam-se.

Ora, o criminoso não é um selvagem, e não deve apresentar as características biologicas d'um selvagem? A tatuagem, portanto, seria um phenomeno de atavismo.

Isto é procurar muito longe e muito alto a explicação d'um facto bem simples.

Nas nossas regiões, a tatuagem é uma questão de moda e de passa-tempo, de exaltação sentimental, qualquer que seja a sua causa: amôr ou odio.

Os soldados e os marinheiros fazem-se tatuar para serem como o camarada.

Entre os selvagens, pelo contrario, a tatuagem é um rito religioso. Torna-se uma prova da coragem d'aquelle que a supporta, em razão da dôr que a operação causa, e, por consequencia, inspira receio aos inimigos em combate. Se a tatuagem não tem a significação que lhe dá Lombroso, nem por isso o seu estudo é menos interessante, como manifestação d'um estado psychologico especial.

Nada de novo ensinarei ao leitor, se lhe disser que a *linguagem* dos criminosos nada tem de academica, nem na fôrma, nem no fundo. Apesar d'isso, é muito expressiva, e deve essa qualidade ao vocabulario especial do qual extráe as suas expressões.

Esta linguagem, feita por palavras desviadas do seu sentido ordinario, constitue o que se chama o *calão*.

Mas ha calão e calão, como ha francez e francez; a conversação familiar que nós sustentamos contém, por exemplo, uma grande quantidade de palavras, que são verdadeiramente calão.

Ha um calão corrente, que mais ou menos é empregado pelas pessoas graves, mas o calão do criminoso transtorna quasi todas as palavras do seu verdadeiro sentido e por isso apenas é comprehendido pelos iniciados.

Não tem por fim, como o primeiro, tornar a linguagem mais original, mais expressiva, mas antes occultar e dissimular o que se pôde ter a dizer ou a escrever, especie de linguagem convencional, ao abrigo das indiscreções.

Quando analysamos este calão, verificamos que elle é grosseiro, obsceno, que bestialisa tudo em que toca, como se pôde esperar da cathegoria das pessoas que o empregam, apesar de algumas expressões verdadeiramente pittorescas e de alguns achados felizes.

O leitor perguntará, mais uma vez, que relação pôde haver entre o calão e a theoria do criminoso...

Sempre a mesma. Lombroso vê, n'este calão, uma reminiscencia da linguagem dos selvagens.

O criminoso organisaria uma lingua pelos mesmos processos que os selvagens.

Mas não é porque são criminosos que elles recorrem ás onomatopeias, ás comparações, mas sim por causa da sua situação, da sua educação e da sua instrucção primitivas. É mais natural que chamem ao ovo utna «bola» do que pensem no «ovum», palavra latina que o formou.

Além d'isso, é preciso não acreditar que o calão dos criminosos tivesse sempre este cunho

de simplicidade. Póde dizer-se até que isso é uma excepção; e a prova é que elle só é comprehendido por um pequeno numero, que varia com as associações e as regiões, que desaparece com certos individuos, que está submettido ao capricho e á moda, o que não é o character das linguas primitivas.

Podemos facilmente imaginar o que deve ser a *litteratura* dos criminosos: grosseira, obscena, vaidosa, sem elevação de pensamentos, reflectindo ideias de odio e de vingança.

Alguns trechos convenientes ou apresentaveis que nos citam são devidos á penna de criminosos que receberam uma educação sufficiente. Certos d'esses trechos tem elegancia, espirito e até mesmo coração.

Mas, nem d'esses estudos, nem dos seus desenhos, sempre primitivos e quasi sempre incorrectos, se póde concluir qualquer cousa sobre a natureza dos criminosos.

A *intelligencia* dos criminosos é variavel com os individuos e com os meios em que elles vivem. Póde affirmar-se, até, que o genero de vida dos criminosos de profissão não é feito para avivar as suas faculdades intellectuaes, e que esses estão mais expostos a embrutecerem-se do que a aperfeiçoarem-se n'este sentido.

Além d'isso, esta questão pertence a um dominio em que é bem difficil poder julgar scientificamente e pronunciar uma opinião com segurança.

Sem duvida que os estados extremos, — uma intelligencia obtusa ou faculdades muito vivas, — serão apreciadas do mesmo modo por todos os observadores; mas comprehende-se que os estados médios, que os intermediarios que, em summa, formam a maioria, serão diversamente classificados, por falta d'um ponto de comparação commum a todos os observadores.

Os criminosos são *imprevidentes, levianos*.

Para o provar, Lombroso recorre ao seu processo habitual: conta algumas anedotas mais ou menos authenticas.

A senhora Lafarge envia ao seu marido um pastel envenenado com uma carta, pedindo-lhe que o prove depois de jantar. Não pensa que a maior parte do pastel ficará intacta e que a carta fará conhecer o autor do crime.

Um criminoso esquece-se de lavar as manchas de sangue que maculam o seu casaco; outro guarda em casa alguns objectos que pertenceram á victima; outro ainda faz confidencias intempestivas a respeito do seu crime.

Em tudo isso haverá alguma cousa de especial ao criminoso?

Não somos todos nós, mais ou menos, uma vez ou outra, imprevidentes?

Que haja criminosos imprevidentes, é um ponto fóra de discussão; mas ninguem acreditará que a imprevidencia seja uma das characteristics do criminoso. Se assim fôsse, não veria-

mos tantos crimes impunes e tantos processos archivados.

A verdade é que são os menos inteligentes, os mais levianos, os imprevidentes, que se deixam agarrar, ao passo que os outros são mais raramente prêsos, e que, portanto, não servem de objecto a exames psychologicos.

Esta observação applica-se á maior parte dos caracteres estudados por Lombroso.

A difficuldade de observação é maior ainda quando se trata de analysar os *sentimentos* dos criminosos.

Lombroso insiste sobre a sua *insensibilidade moral*.

O crime não os commove; não comprehendem o seu horror; tornam-se insensíveis a elle.

É preciso confessar que o contrario é que seria para admirar. Tanto no criminoso profissional como no homem moral, é uma lei physiologica que a repetição diminua a sensação.

Esse carniceiro que, sem hesitar, corta o pescoço a vinte carneiros, foi outr'ora um aprendiz, cuja mão tremeu e cujo coração bateu deante da primeira victima.

Esse joven doutor, todo commovido durante a sua primeira operação, será dentro em pouco um cirurgião cheio de audacia e de sangue frio.

A questão não consiste, portanto, em saber se um criminoso é insensível, mas em saber como é que elle se tornou insensível.

Os criminosos não apresentam esta insensi-

bilidade sómente deante dos outros, mas tambem deante de si proprios. Muitos d'elles teem o desdem pela morte e gracejam alegremente deante do cadafalso.

Um sabio, condemnado á morte, indicando o cutello e o fosso que espera o seu cadaver, dizia: «Eis aqui o alpha e o omega; tú, carrasco, és o béta».

Um outro, caminhando para o supplicio, fumava um charuto, dizendo: «Fumo este charuto com emboscada e premeditação.»

Um terceiro, que o carrasco impellia para o cadafalso, respondia: «Não tenha pressa; esteja descansado que não começam o espectáculo antes de eu chegar».

Isto convencer-vos-há de que os criminosos são insensíveis?

É possivel que o fôsem aquelles a que fizemos allusão; mas de certo que elles não constituem a regra. Os criminosos teem medo da morte, e todos sabem como elles defendem a sua cabeça ameaçada.

Se Lombroso declara que o *suicidio* é frequente entre elles, outros autores, como Corre, Joly, Menier, dizem que o *suicidio* é raro.

Uma outra prova da sua insensibilidade moral seria a *ausencia de remorsos*.

Mas, para se affirmar isso, seria necessario que tal character fôsse geral. Ora ninguem ignora que muitos criminosos tiveram remorsos do seu crime e souberam expiál-o corajosamente.

O criminoso é *preguiçoso*, e isso nada tem que surprehenda. O vicio enfraquece a coragem e conduz á preguiça, que, por sua vez, engendra todos os vicios.

Teem, muito desenvolvida, a *paixão do comer e do beber*. Estou prompto a acreditar que elles teem mais inclinação para a mesa e para a garrafa do que para as discussões philosophicas; mas quantas pessoas são tambem criminosas por este motivo!

Diz-se que elles não teem amôr pelos filhos. Isto explica-se ainda quando se pensa nos cuidados, nas fadigas e nas despezas que estes pequeninos seres necessitam e, por consequencia, na energia e no trabalho que elles suppõem.

Falarei da *religião* dos criminosos? Adivinha-se o que essa religião deve ser; certamente que não se inspira na doutrina de S. Thomaz nem na theologia de Santo Affonso de Liguori.

Se possuiu alguns principios, o criminoso esquece-os, e a sua religiosidade natural só poderá conduzi-lo a práticas d'uma superstição grosseira.

**Inanidade do typo criminoso.** — É tempo de terminar esta longa exposição.

Que devemos concluir d'ella? Que existem, entre os criminosos, vicios, paixões e aberrações? Mas o facto não é novo. Todos nós temos, mais ou menos, n'um genero ou n'outro, essas deformações moraes, e o criminoso não se distingue de nós senão por uma collecção mais

completa d'esses vícios, que a sua vontade não corrigiu, e que livremente se desenvolveram n'elle.

Mas, com estes caracteres, de que cada criminoso pôde ter um certo numero, não nos parece que se possa constituir um *typo-psychico*, assim como com os seus caracteres anatomicos não se pode constituir o *typo-anatomico*.

Por isso, a fórmula que resume este estudo não pôde ser a seguinte: O criminoso é pouco intelligente, imprevidente, leviano, mentiroso, insensível; — mas sim: Ha criminosos que são pouco intelligentes, imprevidentes, etc.

Isto equivale á negação completa do *typo* que a escola de Lombroso nos propunha.

Não é verdade que ao lado dos algarismos, medidas, pesos, traçados, e investigações, que os sabios teem multiplicado, faltam os resultados d'um inquerito muito mais interessante e sem duvida mais instructivo? Esse inquerito seria o exame de consciencia de todos esses desgraçados, feito por homens que se incumbissem d'essa missão.

Ah! Se todos os que se occupam da alma d'esses infelizes sêres pudessem falar; se, reconstituindo a sua vida, pudessem seguil-os étape por étape na sua triste carreira, mostrar-nos essa genese do crime, a transformação, mais ou menos precoce e rapida das suas ideias, costumes e appetites; se pudessem mostrar a parte que n'essa transformação cabem ao meio social,

aos temperamentos, ás paixões, aos appetites doentios! Se todo este inquerito fôsse possível, parece-me que d'elle jorraria uma luz muito diversa d'aquella que projectam as estatisticas e as comparações de Lombroso. Sem duvida, vêr-se-hia, então, que os criminosos partilham com o oradores o privilegio de serem os filhos das suas obras:

*Nascuntur pœtæ, fiunt oratores.*

Que os oradores me perdôem esta comparação:

**O criminoso homem primitivo.** — Já disse que Lombroso vê no criminoso como que uma reaparição do *homem primitivo*, um phenomeno de atavismo, analogo ao que se dá n'uma familia quando resurgem n'uma creança as feições d'um antepassado morto ha muito tempo.

Seria uma especie de phantasma, um ser regressado do passado, dos tempos prehistoricos da idade da pedra, talvez de mais longe.

Um dos discipulos de Lombroso, Colajamis, não quer vêr no delinquente senão a reaparição do character moral do homem primitivo: é a theoria do *atavismo moral*.

O criminoso teria o physico e fatalmente o moral d'estes individuos prehistoricos.

Restitui á vida um d'esses seres, cujas ossadas se encontram junto das dos ursos das cavernas, e tereis deante de vós o typo do criminoso actual.

A isto responderemos que é praticar uma injustiça para com o homem primitivo suppô-lo contumaz n'essa série de acções que nós classificamos de crimes: assassinato, roubo, violação, incendio... É uma asserção gratuita, visto que não a acompanha nenhuma prova séria.

Pelo contrario, as descobertas da archeologia mostram-nos que elles tinham sentimentos de moralidade, de religiosidade, que praticavam a vida patriarchal com as suas regras de respeito pela autoridade e pela justiça, que cuidavam e alimentavam os feridos.

Por outro lado, se o crime fôsse um phenomeno do atavismo, devia naturalmente constituir uma excepção. Ora, não temos nós todos, no fundo do nosso sêr, más inclinações e tendencias criminosas que a educação social e sobretudo a educação religiosa dominaram, mas que se porão novamente em movimento quando este salutar meio deixar de funcionar?

Quanto ao *atavismo moral*, é rejeitado pela propria escola materialista, que logicamente observa que o regresso a esse estado moral ancestral só pôde admittir-se com a circumstancia do regresso a um estado physico analogo, que lhe servisse de *substractum anatomico*. Ora, já vimos que esse estado physico não existe.

**O criminoso selvagem actual.** — Lombroso pretende ainda vêr no criminoso um *selvagem actual*. Julga que entre os selvagens o crime é

a regra quasi geral e que se confunde, nas suas origens, com as acções menos criminosas.

Esta affirmação de Lombroso, baseada em narrações mais ou menos authenticas e em anedotas mais ou menos sérias, não tem o valor que elle lhe attribue.

Ha selvagens e selvagens.

Ha selvagens que castigam o roubo, o rapto, o adulterio, o incesto e o insulto aos chefes, exactamente como os civilisados. Os costumes e as práticas crueis em que elles podem ser contumazes são talvez o resultado de condições de vida particulares, — guerra, subsistencia, ritos religiosos... O que o prova é que os povos tranquilos, não atormentados pela guerra, tem costumes dôces e pacificos.

Em muitos casos, foram os europeus, os civilisados, que ensinaram os selvagens a não piedade nem probidade, assim como espalharam entre elles doenças que os selvagens não conheciam e lhe incutiram vicios como o do alcoolismo.

Na conquista do Mexico pelos hespanhoes, quem se atreverá a dizer que foram os indigenas que se mostraram mais selvagens e mais crueis?

E, em nossos dias, quando uma nação chamada civilisada, encontra, em cincoenta annos, o meio de embrutecer pelo alcool e depois de destruir por centenas de milhar os habitantes dos territorios de que quer apropriar-se, não merece

a regra quasi geral e que se confunde, nas suas origens, com as acções menos criminosas.

Esta affirmação de Lombroso, baseada em narrações mais ou menos authenticas e em estatísticas mais ou menos sérias, não tem o valor que elle lhe attribue.

Ha selvagens e selvagens.

Ha selvagens que castigam o roubo, o rapto, o adulterio, o incesto e o insulto aos chefes, exactamente como os civilisados. Os costumes e práticas crueis em que elles podem ser contuzos são talvez o resultado de condições de vida particulares, — guerra, subsistencia, ritos religiosos... O que o prova é que os povos tucanos, não atormentados pela guerra, tem costumes dôces e pacificos.

Em muitos casos, foram os europeus, os civilisados, que ensinaram os selvagens a não ter piedade nem probidade, assim como espalharam entre elles doenças que os selvagens não conheciam e lhe incutiram vicios como o do alcoolismo.

Na conquista do Mexico pelos hespanhols, quem se atreverá a dizer que foram os indios as nações que se mostraram mais selvagens e crueis?

E, em nossos dias, quando uma nação civilisada, encontra, em cincoenta annos de meio de embrutecer pelo alcool e depois de destrahir por centenas de milhar os habitantes dos territorios de que quer apropriar-se, não m

melhor o epitheto de selvagem do que os indigenas que ella extermina?

**O criminoso infantil.** — Finalmente, o criminoso seria um sêr que ficou na infancia. Lombroso traça um triste quadro do moral da creança, especie de resumo de todos os vicios. Cruel, egoista, vaidosa, lubrica, mentirosa e gulosa, a creança é como o criminoso, o criminoso é como a creança.

Será exacto este esboço? Não appellarei para a opinião dos paes, porque a poderiam julgar suspeita; mas todos os sabios e philosophos nos dirão que, por causa das exigencias da doutrina, o autor pintou o quadro em negro e generalizou as excepções.

Certamente que reconhecemos, — sobretudo nos filhos dos outros, — defeitos e más inclinações; mas bem sabemos que tudo isso se pôde corrigir.

É esse precisamente o papel da educação. Da universalidade d'essas inclinações para o mal, fizemos nós um argumento contra o atavismo.

De resto, quando se encontram n'uma creança vestigios d'uma preversidade extraordinaria para a sua idade, é preciso recordarmo-nos das affecções nervosas, das degenerescencias, que fazem d'estes sêres verdadeiros doentes, reaes assumptos pathologicos, pertencentes á medicina.

Em verdade, como muitos outros, eu não creio que a theoria do infantilismo seja capaz de explicar a natureza do criminoso-nato.

Vivamente atacado em todas as suas afirmações, e forçado a bater em retirada, Lombroso compreendeu que o seu quadro era muito estreito, que não podia fazer entrar n'elle todos os typos.

A sua concepção pareceu-lhe muito pouco comprehensiva, muito absoluta e muito unilateral.

Então, augmentou o quadro, alargou as bases da sua theoria e augmentou-lhe, como explicação, a *loucura moral* e a *epilepsia*.

É esta a mais recente theoria de Lombroso; não ousarei affirmar que seja a ultima.

---

### CAPITULO III

Theorias pathologicas do crime.—O crime, unica manifestação do crime. — O criminoso louco. — O criminoso epileptico.—O criminoso hysterico, neurasthenico, degenerado.—Theorias das causas sociaes.—Conclusão.

A theoria de Lombroso baseia-se em tres principios: o primeiro, o *atavismo*, de que já me occupei largamente; o segundo a *loucura moral*; o terceiro a *epilepsia*.

Vamos examinar estes dois pontos novos.

**O crime-doença.** — Observamos que, com estas novas explicações, entramos nas *theorias pathologicas* da criminalidade; e, se ellas são exactas, devemos considerar os criminosos como doentes, e doentes muito curiosos, visto que o *crime seria a manifestação unica da sua doença*.

Comprehende-se immediatamente o alcance philosophico d'esta concepção. O crime é fatal, e está fóra da vontade d'aquelle que o pratica, como se fósse um accésso de epilepsia ou um ataque de hysterismo. Portanto deixa de haver responsabilidade, por falta de livre arbitrio.

E assim, praticamente, esta nova concepção

\*

do criminoso doente confunde-se com a que o considera como um phenomeno de atavismo.

Bem entendido que não nos referimos aqui aos crimes praticados por epileticos ou por maniacos, durante as suas crises. Sobre esse assumpto, o accôrdo está feito; ninguem se atreve a negar que elles são uns desgraçados irresponsaveis.

Trata-se, repetimol-o, da interpretação dos crimes como *unica manifestação* d'um estado pathologico, diversamente qualificado segundo os autores.

**O crime loucura.** — E, em primeiro logar, o criminoso não será um louco?

Em verdade, é esta uma das primeiras hypotheses que o medico legista tem a discutir, quando lhe confiam a investigação d'um crime e o exame d'um criminoso.

Sem cahir no exaggero familiar aos advogados, defensores menos cuidadosos da justiça da causa do que da libertação a obter, é preciso saber que entre os accusados se podem encontrar signaes d'um estado de loucura que explica o seu crime.

Se esta verificação pôde ser feita, o caso escapa ao nosso estudo; pertence á medicina mental, e o crime é um dos traços do quadro clinico da loucura do criminoso.

Mas não é possivel assemelhar todos os criminosos a loucos; os sabios teem indicado as profundas differenças que os separam.

O criminoso, mesmo aquelle em que o crime é quasi um habito e não uma excepção, como no criminoso de occasião, permanece, na sua vida, identico a si proprio, os seus actos são consequencias logicas do seu genero de vida; podemos seguir a evolução das suas ideias, gostos e sentimentos e apreciar a influencia do meio social.

O louco, pelo contrario, mudou n'um momento dado; tornou-se « extranho a si proprio » e a palavra *alienus* indica bem esta transformação; parte dos seus sentimentos, habitos, inclinações, vontade, juizo, espirito, soffreu uma transformação cuja genese mal poderemos traçar.

O louco é solitario, não fórma associação, não tem cumplices.

O criminoso associa-se com outros cumplices, tem confidentes, e muitas vezes gosta da multidão.

O louco não gosta da orgia nem do jogo; não se pôde dizer o mesmo do criminoso.

Este imita, copia o que viu fazer; o louco é insensivel aos exemplos e ás influencias da vizinhança.

Actua sem objectivo, sem procurar vantagens particulares, e, praticado o crime, se o seu estado de loucura permanece, não accusará nem sensibilidade nem remorsos.

Como se vê, estes caracteres são bem differentes d'aquelles que apresentam os criminosos para os quaes o crime é um meio de satisfazer

as suas paixões e as suas necessidades, e que ficam accessiveis ao remorso, salvo raras excepções.

E isto é tão verdadeiro que, quando um crime não póde explicar-se nem pela paixão, nem pela necessidade, nem pelo interesse, todos nós perguntamos se o seu autor não teria sido precisamente um louco.

Podemos, por consequencia, affirmar que os criminosos não são loucos.

Mas Lombroso acrescentou á palavra: *Loucura*, o qualificativo: *moral*.

O que é a *loucura moral*?

Para responder a esta questão, consideremos previamente um homem normal.

N'esse homem, ao lado da intelligencia e da vontade, encontramos um conjuncto de sentimentos moraes relativos ás pessoas e á sociedade e que, pela reciprocidade que elles encontram no mundo em que vive, asseguram a vida social.

Naturalmente, os sentimentos são muito influenciados pela educação, pela instrucção, pelo meio, pelas circumstancias, d'onde derivam typos differentes, sem duvida, mas onde existe uma média que póde servir de ponto de comparação.

Ora, certos individuos afastam-se insensivelmente d'esta média de sentimentos; são os *loucos moraes*.

Eis o quadro, traçado por Cullerre, da loucura moral :

« Designa-se sob o nome de loucura moral o estado mental dos degenerados hereditarios, nos quaes predominam as preversões moraes de toda a especie.

« Estes ultimos distinguem-se pela precocidade dos seus maus instinctos. Revelam-se, desde a infancia, mentirosos, ladrões, crueis, inclinados ao onanismo e ás depravações intellectuaes. São desconfiados, astuciosos, vingativos, habeis simuladores. Quando não praticam más acções, gabam-se d'ellas e inventam-nas para se calumniarem. Entre elles encontram-se as maiores preversões affectivas, uma ausencia completa das noções do bem e do mal, um egoismo absoluto, uma indifferença profunda por tudo quanto não lhes diz respeito. Consideram-nos, em geral, como viciosos ordinarios, incorrigiveis; todavia, differem dos verdadeiros viciosos no facto de não terem consciencia da sua depravação; perante os mais odiosos actos, a sua consciencia fica muda e impassivel; quando praticam qualquer acção contraria ás leis da moral, não procuram em geral, nem occultar-se, nem subtrair-se ás consequencias que d'essa acção devem resultar para elles; além d'isso, não tem por fim nenhum objectivo interessado, na maior parte das vezes não são impellidos por mobil algum; ou, se existe um mobil, é em geral tão futil que não podemos conceder-lhe nenhuma importan-

cia. Vemos creanças matarem-se, mulheres envenenar-se, prostituir-se, entregar as filhas á devassidão, consagrar-se aos mais ignobeis actos sem que se possa invocar outra causa além de uma depravação instinctiva ou irresistivel.

«Os individuos atingidos pela loucura moral possuem manifestamente vestigios d'uma organização cerebral defeituosa, quer hereditaria ou congenita, quer adquirida pouco tempo depois do nascimento (convulsões, encephalites, pseudo-meningites); pertencem aos graus mais avançados da degenerescencia, e o seu processo hereditario, muito carregado, comprehende em geral paes bebedos, epilepticos, ou alienados já de si mesmo muito tarados.

«Segundo Krafft-Ebing, apresentam uma disposição ainda maior que os outros hereditarios para as congestões encephalicas; teem uma intolerancia suggestiva no uso das bebidas alcoholicas, e n'elles a loucura, sob diversas fórmas, manifestar-se-hia com a maior facilidade.»

E' evidente que semelhantes individuos são loucos, e que os seus actos, mesmo delictuosos, não são crimes, com a significação de responsabilidade ligada a esta palavra, e que, com elles, sahimos da criminologia para entrar na pathologia.

E' indubitavel que ha caracteres communs aos loucos moraes e aos criminosos; mas é tambem certo que podemos encontrar esses caracteres em individuos que nada teem de crimi-

nosos; e igualmente podemos asseverar, por outro lado, que existem muitos delinquentes que não teem caracteres que os distingam dos loucos moraes.

Para o doutor Minovici, que muito se occupou d'este assumpto, a loucura moral é apenas a ausencia do senso moral. Ora, o senso moral jámais conseguiu formar-se na maior parte dos criminosos profissionaes, pela razão de que elles nunca tiveram sob os olhos senão maus exemplos, e que jámais ouviram outras conversações que não fossem destinadas a suffocar esse senso.

O autor poderia accrescentar que o senso moral, cuja ausencia explica todos os cynismos, todas as abominações e todos os impudores, se oblitera e atrophia com o tempo, e que não ha necessidade de denominar «loucura moral» — palavra que tem um sentido pathologico, — aquillo que é apenas o resultado normal de habitos viciosos e de inveteradas paixões.

**O crime epilepsia.** — A segunda doença, da qual o crime seria uma manifestação, é a *epilepsia*.

A'quelles dos meus leitores que não estão familiarizados com as coisas de medicina devo dar um ligeiro esboço d'esta temivel affecção.

A *epilepsia* é uma doença caracterizada por *accessos convulsivos*, bem conhecidos de todos, e por *perturbações cerebraes*, muito menos conhecidas do publico, mas que teem, todavia, uma importancia muito maior.

Os accessos convulsivos e as perturbações podem manifestar-se e produzir-se com todo um cortejo de symptomas claros, que despertam immediatamente a attenção, como; por exemplo, os ataques chamados epilepticos.

Podem tambem ser muito ligeiros e passar despercebidos por serem muito curtos e silenciosos; uma subita perda do conhecimento, uma vertigem, um lapso mental, durando apenas alguns segundos ou alguns minutos, — eis o sufficiente para qualificar um acto epileptico.

Estas perturbações teem uma grande importancia porque assignalam a presença da epilepsia; mas não são as unicas. Além d'ellas, os epilepticos apresentam ainda *perturbações psychicas*, cujo estudo é muito interessante, em particular para os magistrados, juizes e advogados, que encontram n'ellas preciosos indicios para apreciar a responsabilidade dos individuos submettidos ao seu exame.

Devemos lembrar-nos sempre que essas perturbações *podem existir isoladamente*, sem a simultaneidade dos accessos convulsivos, dos quaes são os *equivalentes psychicos*; é o que se chama, então, a *epilepsia larvada*, a *epilepsia mental*.

Estas perturbações psychicas manifestam-se por actos incoherentes, automaticos, repetindo-se identicamente a cada crise, por palavras improprias e acções lubricas, que muitas vezes contrastam com o character do individuo.

A's vezes, existe tambem um delirio triste ou furioso, com violencias extraordinarias.

Quando o doente volta a si, sente-se despedaçado, aniquilado e não se lembra de nada.

Em tal estado, os individuos podem praticar crimes e delictos; mas uma vez mais diremos que isso pertence ao dominio da pathologia, e se, em certos criminosos, os seus actos tem os caracteres que acabamos de descrever, não pômos nenhuma difficuldade em admittir que se trata talvez de epilepsia.

Mas, em geral, é bem evidente que a psychologia dos criminosos por fórma alguma recorda, ainda que de longe, a dos epilepticos.

Encontramos n'elles a premeditação, o calculo, o interesse, o prazer, a recordação, o remorso.

Foi debalde que Lombroso procurou, entre os criminosos, as taras que se encontram nos epilepticos, que nos enumerou extensamente a asymetria do craneo e da face, as alterações do cerebro, o volume da maxilla, a tatuagem, etc., que buscou os mesmos estygmas no louco moral e que traçou esta equação:

Criminoso nato = louco moral = epileptico.

Responderemos sempre que a immensa maioria dos criminosos não é epileptica, e que muitos epilepticos não são criminosos.

Quanto a fazer do crime o symptoma *unico* d'uma epilepsia *latente* é uma simples hypo-

these que nada justifica; é alargar gratuitamente o quadro, já muito vasto, da epilepsia.

Seria uma curiosa manifestação d'um estado epileptico um acto concertado muito tempo antes, executado como um programma e occulto com todo o cuidado.

A epilepsia deveria ser, então, uma doença muito commum, visto que as prisões regorgitam de criminosos!

Desenganemo-nos. O professor Minovici diz-nos que, entre 60:928 encarcerados, apenas encontrou 16 epilepticos. Estamos longe de 14 % de Lombroso e dos 33 % de Rossi. O autor observa, e com razão, que a epilepsia, pelo contrario, é frequente entre os alienados criminosos. Este facto explica-se naturalmente pela tendencia que tem os epilepticos para a violencia, para os actos impulsivos. Mas, se o seu caso é de loucura, é um caso de pathologia. Não é a esta categoria que pertencem a maior parte dos individuos criminosos.

**O crime hysteria.** — O criminoso não é, pois, um epileptico; mas não será um *hysteric*o?

A hysteria é uma affecção que diz respeito ao systema nervoso e ás faculdades mentaes. Tem até muitos pontos de contacto com a epilepsia.

Não poderá ter a hysteria um unico symptoma: o crime, o acto criminoso?

Se se quer dizer, com isto, que os hystericos praticam certos crimes ou certas infracções á lei, em razão do seu estado pathologico, plenamente

de accôrdo; o facto está admittido como para a epilepsia e a loucura. Sabemos até que, nos hystericos, o crime affecta uma fôrma especial, que em geral não é brutal como o do epileptico, e que elle recorre voluntariamente á calumnia, ao roubo, ao veneno.

Mas ninguem tem o direito de dizer, em presença d'um crime d'este genero, que o seu autor é hysterico. Uma vez mais diremos que, se ha hystericos criminosos, nem todos os criminosos são hystericos.

**O crime neurasthenia.** — Substituamos a palavra hysteria pela palavra *neurasthenia*, e tudo o que acabamos de dizer da primeira se pôde applicar á segunda, que o professor Benedickt, de Vienna, considera como uma explicação do crime.

Só me resta, agora, expôr duas theorias de criminalidade.

**O crime de degenerescencia.** — O criminoso não será um *degenerado*? Não disponho, infelizmente, do espaço necessario para falar aqui da degenerescencia como mereceria uma questão tão importante; limitar-me-hei, pois, a um curto schema.

Entre os homens, os animaes e os vegetaes, certos especimens reúnem um conjuncto de qualidades que fazem d'elles typos quasi excepçoes; abaixo d'elles existe a massa dos individuos que possuem uma tal somma de caracteres que d'elles se pôde tirar a impressão d'uma média.

Abaixo d'esta massa, poderíamos classificar ainda uma serie de individuos que não attingiram essa média, e que, n'um ou n'outro ponto, apresentam lacunas, deformações, que não dão essa impressão ordinaria de harmonia, de symetria, de proporção. Estes seres são degenerados.

Todos os aparelhos podem ser assim attingidos e teremos então estygmas *anatomicos* da degenerescencia: nariz torto, um pé mais pequeno que o outro, microcephalia, atrophia de certos membros ou aparelhos, etc. Ha tambem os estygmas *physiologicos*: linguagem, tics, tartamudez, etc., e *psychicos*: debilidade mental, idiotia, etc.

A difficuldade em se adaptar ás condições da existencia, tal como as leis e as tradições a constituem, é ainda um signal de degenerescencia.

Ora nós procuramos, e muitas vezes encontramos, entre os criminosos, a maior parte d'estes estygmas, e é tão racional como experimental admittir que muitos criminosos são degenerados, filhos de alcoolicos, de loucos, de syphiliticos, de epilepticos. Mas semelhantes seres não são normaes e ha muitos criminosos que não apresentam estas taras regressivas. Por isso, como affirmou Dallemagne no Congresso de Genebra, as difficuldades começam quando se trata de estabelecer as relações entre os dois factores: o crime e a degenerescencia.

Evidentemente, a theoria da degenerescencia não pôde explicar toda a criminalidade, mas po-

demos admittir que explica uma grande parte d'ella.

Comprehende-se muito bem que estes seres disformes no physico e no moral, não tendo as mesmas reacções que a média dos individuos, não possam adaptar-se ás regras que se impõem a essa média.

Mas, feita esta verificação, ainda não se concede que o crime seja a unica manifestação da degenerescencia, assim como o não é da epilepsia, da hysteria, da neurasthenia. Precisamos recordar, mais uma vez, a fórmula: nem todos os degenerados são criminosos, nem todos os criminosos são degenerados.

Todas estas theorias se referem ás causas internas do crime, áquellas que o criminoso traz comsigo, ao vir ao mundo, e sobre elle, pelo facto da sua constituição.

Os sabios italianos enumeraram muito bem as causas *externas* do individuo: sociedade, clima, alimentação. Mas a influencia que lhes attribuiam parecia tão insignificante comparada com a importancia das causas organicas, que quasi podiamos acreditar que as desprezavam.

**O crime das causas sociaes.** — É minha obrigação dizer algumas palavras sobre a theoria que explica o crime pelas *condições sociaes* em que o individuo vive.

Foi um francez, o dr. Lacassagne, de Lyon, que attrahiu a attenção do publico sobre esta theoria das *causas sociaes*, concretisando-as em

alguns aphorismos felizes, especie de pontos brilhantes que impressionam o olhar.

« O criminoso é o microbio e o meio social é o caldo de cultura da criminalidade. »

« As sociedades teem apenas os criminosos que merecem. »

Portanto, se o microbio-criminoso não encontrar nunca o caldo-sociedade, ficará inoffensivo.

Não se pôde censurar á theoria social do crime o ser muito exclusiva ou muito estreita na investigação das causas que levam ao crime.

Vejamos um pouco o que é que esta palavra « social » contém no seu pequeno volume e na sua modesta apparencia.

Hereditariedade, degenerescencia, instrucção e educação familiares, escolares, ou profissionaes, meio physico: solo, clima, temperatura; profissões, exemplos, paixões, alcoolismo.

Esta enumeração de tantas causas, e das mais importantes, elucida-nos sobre o valor da explicação; não podemos negar que ella se fez para satisfazer o espirito do philosopho e do sabio.

Ella considera a complexidade do problema, os elementos multiplos que intervêm n'esta genese do crime no *processus* physico-psychico que nos conduz aos actos reprehensiveis.

Mas tenho a certeza de que o leitor já observou, para comsigo, que esta theoria não é tão nova como se pretende fazer acreditar; e, analysando um por um os elementos invocados, já

notou que a sua influencia está reconhecida ha muito tempo.

Sem duvida, as estatisticas precisaram o valor de certos factos, a influencia das estações, das profissões, do alcoolismo, deram uma explicação scientifica mais exacta da degenerescencia e puzeram em relevo certos pontos que tinham ficado na sombra; mas, em globo, seria facil demonstrar que estes factos não constituiam uma revelação.

Feita a devida reserva sobre a sua novidade, a denominação de *theoria social* do crime pôde ficar.

E' uma bandeira em volta da qual se teem aggrupado numerosos sabios e jurisconsultos, que rejeitam o exclusivismo da escola italiana.

Com ella, comprehende-se a necessidade e a importancia das ideias religiosas, que continuam a ser, em ultima analyse, o mais poderoso freio que se pôde impôr a essas causas geradoras do crime, o mais solido dique para dominar essa onda avassaladora das paixões humanas.

E' tempo de terminar <sup>1</sup> esta longa exposição das theorias da criminalidade.

**Conclusões.** — Que devemos concluir de tudo isto? E' que não existe ahi *theoria exclusiva*,

---

<sup>1</sup> Como este opusculo tem sómente um fim de vulgarização, o leitor perdoará a omissão d'um certo numero de theorias menos importantes e a supressão de informações bibliographicas.

unilateral, que seja capaz de explicar a questão da criminalidade, e que não ha uma unica solução que seja adequada ao problema.

Diremos, em summa, que não ha crime, que não ha criminosos, e que cada delicto praticado por um individuo é um caso particular, cujos multiplos elementos geradores a justiça devia investigar, para apreciar pelo seu justo valor o grau de responsabilidade d'aquelle que o praticou.

Para sermos exactos, precisamos dizer que este movimento das ideias, em anthropologia criminal, estas discussões ardentes, estas recriações, estes apaixonados ataques, tiveram e tem ainda por resultado attrahir mais a attenção dos juizes sobre estas diversas causas do crime; mas, uma vez mais, direi que não posso acreditar que ellas tenham sido sempre desprezadas.

A justiça olvidaria alguma vez ter em conta os antecedentes hereditarios e pathologicos do accusado, o meio social e familiar no qual elle se desenvolveu, e os exemplos que elle sempre teve deante dos olhos? As paixões e as necessidades não tem sido sempre invocadas como circumstancia explicativa e attenuante do delicto ou do crime?

Em resumo, se não devemos tomar ao pé da letra a fórmula que ha pouco citava no decorrer d'esta exposição: « tudo o que é bom, não é novo; tudo o que é novo, não é bom »; se devemos não exagerar as consequencias e os resul-

tados práticos de todas estas investigações, também é necessario não lhes negar completamente o valor.

O que é preciso dizer é que, em presença d'estes trabalhos, podemos, sem passar por ignorantes ou por retrogradados, conservar as nossas opiniões sobre o livre arbitrio e acreditar na responsabilidade e, portanto, na legitimidade da repressão.

Não se tem feito descobertas n'estes domínios e as investigações realisadas apenas conseguiram valorisar melhor elementos um pouco desprezados da genese do crime, ou, melhor, da formação do criminoso.

Continuaremos a admittir que praticar uma acção criminosa e ser criminoso são duas coisas que nem sempre caminham juntas. Para ser criminoso, é necessario ter commettido a acção prohibida com pleno conhecimento de causa e com plena liberdade; e nós não ignoramos que numerosissimas circumstancias podem influir sobre estas condições necessarias, quer ellas procedam do corpo, da alma ou do meio social, e por esta palavra comprehendemos a educação, a instrução, os habitos e a profissão.

Estas circumstancias não serão attenuantes e explicativas de muitos actos criminosos, que nenhuma das theorias propostas poderia exclusivamente explicar?

Mas, se eliminamos ou attenuamos o livre arbitrio n'um certo numero de casos, sabemos

tambem que ordinariamente os autores d'estes actos criminosos teriam podido não os praticar, se o quizessem.

E' por isso que achamos extraordinaria essa convicção, essa serenidade de espirito com que a maior parte dos sabios negam o livre arbitrio. Em verdade, elles são logicos, visto que egualmente insistem sobre o facto de não existir nem vicio nem virtude, nem merito nem demerito.

Assim, pois, o individuo que, com o fim de satisfazer as suas paixões, combina o seu plano, toma as suas disposições para chegar aos seus fins e não ser conhecido, que lucha contra a sua consciencia e pratica o seu crime apesar das censuras que a consciencia lhe faz; esse individuo que rouba, viola e assassina não terá demerito, assim como não tem merito o individuo que, domando as suas paixões, lutando contra os sentimentos de egoismo ou de indifferença que residam no fundo de nós todos, se dedica de corpo e alma a desconhecidos, sem outra esperanza de recompensa mais que o sentimento do dever cumprido, e sem outro desejo mais do que agradar a Deus. O primeiro não tem que corar, e o segundo não tem que se glorificar das suas acções.

Ainda mesmo que suppuzessemos que a sciencia conseguiria demonstrar que semelhantes theorias são a expressão da verdade, o que não succede, seria impossivel fazê-la admittir pela consciencia humana; é o caso de dizer que al-

guem existia com mais espirito que todos esses sabios; esse alguem seria toda a gente.

«O criminoso dirige-se fatalmente ao crime; o criminoso é incorrigivel.» Estas fórmulas foram muitas vezes repetidas; e, se semelhantes proposições fossem verdadeiras, não seriam ellas a condemnação ou a declaração de inutilidade de todas as obras de moralisação, de rehabilitação moral d'esses infelizes, de preservaçào social, ás quaes tantos corações dedicados consagram o seu tempo e o seu trabalho? Comprehende-se, por isso, o grito de alma d'um membro do Congresso de Paris, a proposito d'este fatalismo: «Se isso é verdade, nunca o digaes; a creança que se julgasse perdida jámais faria um esforço para o bem e o professor ficaria desanimado!»

E quando vemos estes ferozes theoreticos incitar a creação das obras de patronato e recomendar a acção moral, recordamo-nos do grande pensamento do philosopho: «O coração tem razões que a razão não comprehende», e felicitamol-os por terem esquecido a sua falsa sciencia.

Mas, em face d'estas declamações, não podemos censurar as pessoas bem intencionadas, que seguem com um olhar desconfiado as proclamações e os actos d'esta nova sciencia.

O sr. Lejeune comprehendeu muito bem o perigo que estas doutrinas faziam correr á anthropologia criminal no espirito publico, e, com muito bom senso, convidou estes chefes de escola a pôrem de lado theorias cuja discussão só

podia ser estéril e perigosa, para abordarem os meios práticos de corrigirem as imperfeições que as novas leis e instituições podem apresentar.

**Melhoramentos práticos.** — É agora o momento de expôr algumas propostas práticas votadas pelos Congressos.

Arriscar-me-hia a perder-me se me aventurasse sobre o caminho do direito; por isso, limitar-me-hei a citar as propostas que mais particularmente se relacionam com a anthropologia criminal.

Por varias vezes os Congressos teem exprimido o voto de que a anthropologia criminal seja objecto d'um ensino especial, pela instituição de cadeiras officiaes ou então de cadeiras livres nas faculdades de medicina, de direito e de sciencias naturaes.

Incontestavelmente, seria para desejar que os futuros magistrados e os futuros legistas estivessem ao corrente d'estas questões que apaixonam os espiritos. <sup>1</sup>

Se, como é provavel, a instituição de cadeiras especiaes com este fim deve fazer-se esperar,

---

<sup>1</sup> Permittimo-nos observar que sobre este ponto, como em muitos outros, o ensino livre soube tomar uma iniciativa brilhante. Na Universidade Catholica de Lille, no programma da sua secção de anthropologia e de biologia, figuram numerosas conferencias sobre as questões de anthropologia criminal. Estas paginas são um resumo d'essas conferencias.

é para desejar que nos cursos em que se tratem as materias que constituem a base d'esta nova sciencia, se dêem aos alumnos noções sufficientes, para que elles possam apreciar o seu fim e a sua utilidade eventual.

O Congresso de Bruxellas emittiu o parecer de que, á folha de informações que actualmente se junta aos processos criminaes e correccionaes, se devia addicionar uma folha de informações relativas á personalidade physiologica, psychologica e moral do individuo accusado, a fim de permittir aos magistrados e aos advogados avaliar a opportunidade d'um inquerito medico-legal.

Este voto, adoptado por unanimidade, indica o desejo, que todos possuem, de ter em maior conta a personalidade do individuo e de a discutir antes do proprio acto criminoso.

Este verbete de informações moraes chamará a attenção do magistrado sobre circumstancias accessorias que á primeira vista poderiam parecer insignificantes; mas, como já disse atrás, prefiro acreditar que os magistrados sempre tiveram em consideração os factores biologicos e sociaes que poderiam ter influido sobre o acto criminoso.

Para terminar, e para demonstrar que a questão não tem sido estudada senão pelos theoricos materialistas, adversarios tenazes das opiniões que nos são caras, tomarei a liberdade de reproduzir aqui a conclusão d'um trabalho do doutor Minovici:

« Em summa, as nossas estatísticas demonstram esta verdade, que tende a ser geralmente adoptada: não ha criminosos natos. O homem torna-se malfeitor, mas não vem ao mundo criminoso. A miseria social, a preguiça, os maus exemplos e sobretudo a influencia do meio, eis as causas efficientes da criminalidade. A debilidade mental da maior parte dos delinquentes carece de ser dirigida e fiscalizada com uma disciplina relativamente severa. Precisamos lutar, com todo o nosso poder, contra o *alcoholismo*, essa chaga da sociedade moderna, que, pelas lesões hereditarias que póde transmittir dos paes aos filhos, poude fazer acreditar, por um instante, na existencia de creaturas humanas consagradas, pelo sangue, aos crimes e aos delictos. O pae assassina na taverna, n'um accesso de delirio alcoolico, sob a influencia d'uma insignificante excitação, com o primeiro instrumento que encontra á mão... a sua mulher dará á luz, algum tempo depois, um sêr abastardado, debil de corpo e de espirito, sem coração e sem cerebro, que se inclinará, sob a influencia do meio, para o crime ou para a loucura.

« A desaparição dos *sentimentos religiosos* desempenha egualmente um grande papel. A religião, com a sua moral estricta, com a esperanza d'uma recompensa futura, com o seu ensino humanitario e suave, fará mais do que qualquer outra intervenção para a moralisação das massas enfraquecidas.

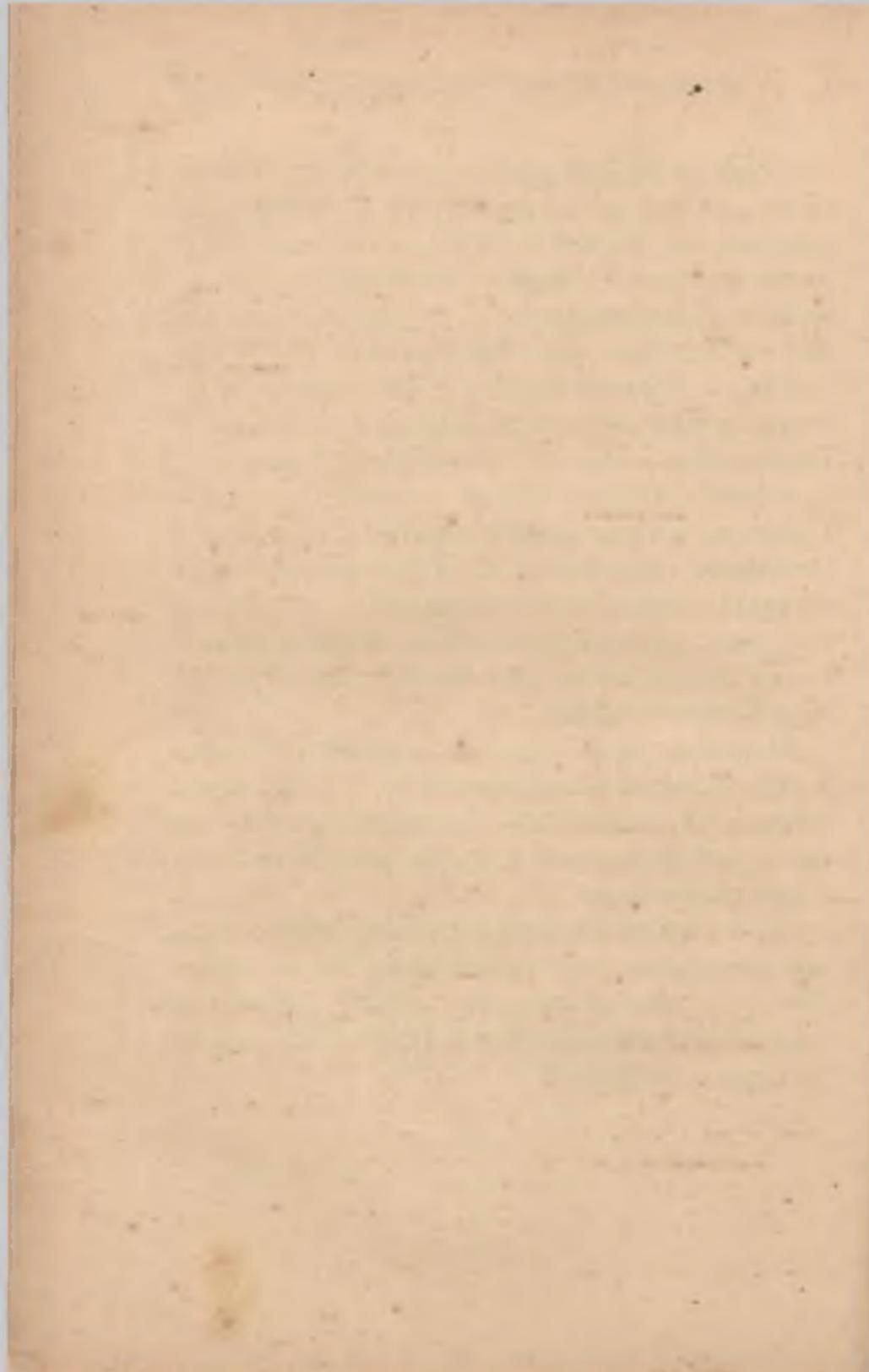
« Nas *prisões*, é preciso consagrar todos os esforços a corrigir os malfeitores. É preciso que, passando por deante d'uma casa de detenção, o joven criminoso encontre elementos de moralisação e de rehabilitação. É preciso demonstrar-lhe, em summa, que é facil ganhar a vida trabalhando. É preciso, além d'isso, classificar os presos, evitar as promiscuidades e o contagio e facilitar-lhes a obra de rehabilitação á sahida.

« Luctar contra o meio, arrancar a creança á influencia d'um pessimo convivio, combater o alcoolismo fornecendo outras distracções menos nocivas, *restabelecer o sentimento religioso* e moralisar nas prisões,— eis os deveres impostos ao Estado zeloso pela salvação dos cidadãos cujo destino conduz.»

Quaesquer que sejam as opiniões religiosas e philosophicas que professemos, o nosso dever é approvar semelhantes conclusões, que são como que dictadas pela sciencia, pela experiencia e pelo bom senso.

E, ao terminar, perguntaremos ainda: Todo este programma de preservaçào, de moralisação e de rehabilitação não estará porventura contido integralmente na doutrina e na prática da Igreja catholica?

---



## A existencia de Deus e o problema do soffrimento

---

Se Deus não existisse, era necessario inventá-lo

« Este verso, — disse **Legauvé** n'um discurso ácerca da obra dos albergues nocturnos, em 1881, — é sublime, mas é absurdo... A imaginação humana não cria nada ; combina e recorda-se. A melhor prova de que Deus existe é que o homem crê na sua existencia. »

Esta affirmação é soberanamente verdadeira. Deus é affirmado pela consciencia humana e nada póde prescrever, n'ella, a sua existencia.

« Deus é a noção incompressivel. Reside no proprio homem. Os syllogismos, as disputas, as negações, os systemas — passam por cima d'ella sem a diminuirem. »

Estas palavras são de *Victor Hugo*, nos *Ope- rarios do Mar*.

Os proprios que blasphemam contra Deus e ultrajam o seu nome, no fundo do seu coração

sentem, por vezes, hesitações. Leiam-se estes extraordinarios versos que **Jean Richepin** põe na bocca do diabo :

Êtes-vous bien athée ?  
 Êtes-vous très certain que Dieu n'existe point ?  
 Si Dieu n'est rien, pourquoi lui montrez vous le poing ?  
 Si ce n'est qu'un brouillard dont votre âme est trompée,  
 Pourquoi dans ces vapeurs donner des coups d'épée ?  
 Don Quichotte chargeait pour frapper un géant  
 Sur un moulin ; mais vous, c'est contre le néant  
 Que vous vous colletez avec l'ombre. C'est drôle ?  
 Si Dieu n'existe pas, vous jouez un sot rôle ;  
 Vous n'êtes qu'un roseau pensant... comme mon stick.  
 Donc, au fond, vous croyez à Dieu, voilà le hic.  
 Vous ne l'avouez pas : la honte est pitoyable.  
 Vous y croyez, mi dear. J'y crois bien, moi, le diable !

*(Les Blasphèmes)*

Uma observação contraria na apparencia, mas que nos conduz ao mesmo resultado, foi feita com muito espirito por Luiz Veillot, n'um artigo contra o sectario Rochefort :

« Persuado-me de que, se estivesseis convencido da existencia de Deus, não lhe dirigirieis injurias. Que razões terieis para insultar, não sómente a omnipotencia, mas tambem toda a justiça e toda a bondade ? Logo, não julgaes injuriar um sêr que vos pôde castigar, ou que vos pôde perdoar ; pensaes injuriar apenas uma ideia e uma ideia de que nenhuma força humana quer hoje tomar a defeza. Não vejo que exista n'isto uma grande bravura.

« Mas, por outro lado, não ignoraes certamente que esta ideia é a mais elevada concepção de grandeza, de justiça, de belleza, de misericordia e de amôr que a alma humana é susceptivel de receber (se julgaes que a alma não existe, lêde: o espirito humano); não ignoraes que essa ideia alimenta, no mundo, tudo aquillo que jámais se viu n'elle e tudo o que póde ficar ainda de caridade, de dignidade, de honra, de consolação. Por que esta ideia existe na terra, é que na terra ha homens que não se curvarão deante da espada, nem deante dos ferros, nem deante do cutello, nem deante do ouro, nem deante da fome, nem deante da gloria, nem deante da opposição, nem deante de Zora; por causa d'esta ideia é que existem mulheres immaculadas, que converterão Zora envelhecida, que lhe limparão o rosto, que lhe limparão até a alma, que lhe tocarão a fronte com os labios puros e que lhe dirão: Minha irmã, insultae esta ideia para receberdes quinze pistolas! » (*Les Odeurs de Paris*, II, *Le narquois*).

O nome de Deus volta até aos labios do impio, muitas vezes n'uma blasphemia, outras vezes n'uma invocação voluntaria:

Mon Dieu, dans ses rages infimes,  
 Dans ses torments, dans ses repos,  
 Dans ses peurs, dans ses pantomimes,  
 L'âme vous hèle á tout propos  
 Du plus profond de ses abimes!  
 Quand la souffrance avec ses limes

Corro de mon cœur et mes os  
 Malgré moi, je crie à vos cimes :  
 Mon Dieu !

Aux coupables trainant leurs crimes,  
 Aux resignés pleurant leurs maux  
 Arrivent toujours ces deux mots,  
 Soupír parlé des deuils íntimes :  
 Vieux refrain des vieilles victimes :  
 Mon Dieu !

MAURICE ROLLINAT

« Onde está o atheu que nunca dissesse: Meu Deus! á cabeceira do leito de sua mãe moribunda? » escreveu o proprio Proudhon.

Jámais se poderá suffocar completamente a voz da consciencia, que testemunha em favor de Deus.

**Victor Hugo** escreveu a esse proposito ;

Sainte servante, conscience,  
 Tu vas dans l'ombre, devant moi,  
 Tu vas devant moi, toujours prête,  
 Et tu me montres le chemin.  
 Le voile du sort sur la tête,  
 La lampe de Dieu dans ta main  
 Tu me dis : « Ta croix te réclame !  
 Debout ! C'est ailleurs qu'on s'assied. »  
 Tu me dis : « Cache ici ton âme. »  
 Tu me dis : « Pose ici ton pied. »

(*Les Quatre Vents de L'Esprit*, III).

Depois dos litteratos, os sabios. Em vão, os materialistas pretendem basear-se na sciencia

contemporanea para contestar a existencia de Deus.

« Eu nunca fui um atheu, dizia **Darwin**. Nunca neguei a existencia de Deus... A impossibilidade de conceber que este grande e admiravel universo, com o nosso *eu* consciente, pudesse ter nascido por acaso, parece-me o principal argumento da existencia de Deus. »

**J. Tyndall**, o celebre physico, escreveu : « Os homens verdadeiramente scientificos confessam francamente que não podem dar nenhuma razão satisfatoria da origem da vida sem a demonstração d'uma vida anterior. »

O famoso philosopho **Herbert Spencer** não era menos explicito. « Ha uma verdade, dizia elle, que cada vez se torna mais luminosa ; é que existe um ser, imprescrutavel, que por toda a parte se manifesta, e cujo começo e fim não se podem conceber. No meio dos mysterios da natureza, que se tornam cada vez mais obscuros á medida que os profundamos pelo pensamento, ergue-se uma certeza absoluta, a certeza de que nos encontramos em presença da força infinita e eterna, d'onde procedem todas as cousas. »

**E Proudhon**, no *Systema das contradicções economicas*, escreveu o seguinte :

« É tão absurdo attribuir o systema do mundo ás leis physicas, sem ter em conta o eu ordenador, como attribuir a victoria de Marengo ás combinações estrategicas, sem ter em conta o primeiro consul. »

Diz o historiador **Michelet** em *Les contemporains*: «Não posso passar sem Deus. O momento eclipse da alta ideia central estende uma sombria nuvem sobre este maravilhoso mundo moderno das sciencias e das descobertas. Tudo é progresso e poesia; mas onde estão o conjuncto, a harmonia, o poema? Não os vejo. Repito: não posso passar sem Deus.»

Podemos recordar ainda outras confissões de contemporaneos, a maior parte dos quaes são pouco sympathicos á ideia religiosa.

**Eugene Pelletan**, na sessão do Senado de 23 de fevereiro de 1885, exclamava dolorosamente: «Deus não morreu: nós é que morremos sem elle.»

**Alfred de Musset**, nas *Confissões d'um filho do seculo*, publicadas em 1840 (v, cartas á duqueza de Castries) escrevia: «A crença em Deus é innata em mim... Tudo o que é bom é santo... como é que se ousa tocar em Deus?»

Pretende-se que **Lamartine** fôra pantheista. Como o poeta via Deus por toda a parte, pretendeu-se que elle o via em tudo. Ora, eis o que, na *Queda d'um anjo*, elle escreveu sobre o assumpto:

«Talvez que algumas expressões metaphoricadas e inexactas das minhas obras originassem esse equivoco sobre as minhas opiniões religiosas; mas isso afflige-me profundamente. A linguagem vaga e indeterminada da poesia presta-se mal ao rigor dos termos que se devem empregar

na metaphysica. Se os meus versos deixam duvidas, explicar-me-hei em prosa.

«Creio em Deus, possuidor da suprema individualidade, como n'elle crê a natureza, creada unicamente para reflectir essa individualidade divina e que só da sua Providencia subsiste.

«O pantheismo de que me accusam como philosopho e como poeta, esse pantheismo que eu sempre desprezei como uma inconsequencia e uma blasphemia, assemelha-se inteiramente ao raciocinio d'um homem que dissesse: «Vejo uma innumeravel quantidade de raios; logo, não ha sol.» Destruindo a individualidade do homem, o pantheismo aniquilaria ao mesmo tempo o homem e Deus e faria assim como que uma cousa semelhante ao chaos, antes que a luz brilhasse n'elle e que o Verbo separasse os elementos.

«Os pantheistas reconhecem em Deus a força latente de todos os phenomenos visiveis ou invisiveis, mas não lhe reconhecem a individualidade e a suprema intelligencia, isto é, o que constitue o *sér*, recusando assim ao Sêr dos sêres o que são forçados a conceder ao mais insignificante insecto da natureza. Seria peor do que o atheismo, porque seria negar Deus proclamando o. Dois contrasensos em logar d'um.»

Na antiguidade sobraram os testemunhos dos pagãos em favor da existencia de Deus. Vamos reproduzir esse admiravel trecho das palestras de Socrates, tal como vem narrado

no livro de Xenophonte, *Memorabilia Socratis* (1, 4, IV; 3):

«Eis a conversação que Socrates teve um dia, na minha presença, com Aristodemo, ácerca da divindade. Elle sabia que Aristodemo nunca sacrificava aos deuses, e que censurava até as práticas religiosas.

— Aristodemo, perguntou-lhe Socrates, ha homens cujo talento e sabedoria admiraes?

— Sem duvida.

— Quaes são elles?

— Admiro principalmente Homero na poesia epica, Sophocles na tragedia, Polycleto na estatuaria, Zeuxis na pintura.

— Que artistas achaes mais admiraveis: aquelles que fazem figuras desprovidas de pensamento e de movimento, ou aquelles que produzem sêres animados, sêres que são a obra d'uma intelligencia e não do acaso? Entre as obras cujo destino por fórma alguma se revela, e aquellas cujo fim, cuja utilidade é manifesta, quaes são as que consideraes como o effeito d'uma causa intelligente ou como o producto do acaso?

— E' claro que é preciso attribuir a uma intelligencia aquellas que teem um fim, uma verdadeira utilidade.

— Não vos parece que Aquelle que creou os homens na origem lhes deu os órgãos para que elles lhes sejam uteis, — os olhos para vêr, os ouvidos para ouvir? Teriamos nós o sentido do

dôce e do amargo se não tivessemos o orgão da lingua? Não é uma attenção da Providencia ter munidos os nossos olhos de palpebras capazes de se abrirem ou de se fecharem em caso de necessidade, e de ter collocado os cilios e os supercilios para proteger orgãos tão delicados? Não é ainda uma obra providencial que os dentes anteriores tenham sido feitos para cortar, os molares para triturar, etc. ? . . . Attribuireis todas estas disposições, tão bem tomadas, a um acaso ou a um designio? Vejo bem que, considerando-as d'este modo, ellas parecem ser a obra d'um artista intelligente. E perguntar-vos-hei tambem, em relação a esses innumeraveis seres que nos cercam, se julgaes que uma causa cega pudesse dispôr-os na ordem em que nós os vêmos?

— Talvez, respondeu Aristodemo; porque não vejo n'elles causa que os dirija, assim como vejo os autores das nossas obras de arte.

— Mas tambem vós não vêdes a alma que domina e dirige o vosso corpo; podereis concluir d'ahi que, na vossa pessoa, tudo se fez ao acaso, sem juizo, sem designio?

Aqui, Aristodemo, levado á parede, tenta uma diversão; já não ousa negar a existencia d'um Deus; mas accrescenta:

— Meu querido Socrates, eu não desprezo a divindade, mas julgo-a muito elevada para que ella tenha necessidade do meu culto.

• — Mas, precisamente, quanto mais a sua gran-

deza se dignar reparar em vós, mais deveis honrá-la.

— Não me furtaria a isso, replicou Aristodemo, se acreditasse que os deuses se occupam dos negocios humanos.

— O quê? Julgaes os deuses indifferentes para comnosco, elles que nos deram os olhos, a vista, o ouvido e o gosto, que nos concederam a palavra e tantos outros beneficios? Deus não sómente deu ao nosso corpo uma fôrma mais nobre e mais vantajosa do que aos animaes; deu-nos, o que vale infinitamente mais, uma alma perfectissima, capaz de reconhecer o autor d'estas maravilhas.»

\*

\* \* \*

Apesar das provas de toda a ordem em que se baseia a existencia de Deus, ha quem affirme que elle não existe, visto que não se occupa de nós.

E' preciso distinguir, todavia, entre a *existencia de Deus* e a *providencia de Deus*. Os nossos adversarios admittem, em geral, a existencia d'uma causa primaria, a titulo puramente scientifico, mesmo quando não crêem na justiça divina nem acreditam na Providencia. Mas os argumentos contra a existencia d'uma Providencia não podem ser empregados contra a exis-

tencia de Deus; entre as duas theses ha uma differença absoluta.

Todavia, se considerarmos as cousas com tranquillidade, tudo nos diz que existe, no mundo, uma ordem e um plano. Effectivamente, Deus é sabio; verifica-se a existencia d'uma profunda sabedoria na concepção e na organização do mundo; logo deve existir a mesma sabedoria na sua conservação. Não é possivel que Aquelle que revelou uma tal força e um tal poder, uma tal amplidão de vistas na concepção das cousas, na determinação do fim da criação, se desinteressasse depois da escolha dos meios e da sua marcha para esse objectivo.

O mundo que Deus creou não se poderia sustentar sem um motor. Deus, que sabe o que faz, deve saber o que quer.

Além d'isso, Deus é bom; é evidente que, fazendo a obra da criação, fez uma obra de amôr. Mas, visto que ha amôr na criação, tambem deve existir amôr na sequencia e desenvolvimento das cousas.

Nós não somos sabios senão porque Deus, nosso creador, é sabio. Ora, um homem intelligente, não faz nada sem um fim; logo, Deus nada fez sem um fim.

Por outro lado, um sêr intelligente não é perfeito se não fôr ao mesmo tempo bom, porque a característica d'uma vida superior, certa de si mesma, e signal d'um espirito aberto, generoso e desinteressado, é a bondade. Logo, Deus,

ao mesmo tempo que governa com sabedoria, governa com bondade, porque a sua intelligencia é perfeita.

Estas considerações *à priori*, teem um grande valor.

Occupar-nos-hemos agora das considerações *à posteriori*, d'aquellas que são fundadas sobre a experiencia. Ora a experiencia revela-nos a constancia da ordem. <sup>1</sup> Como é que se affirma que Deus se desinteressou da sequencia das cousas e que não dirige a creatura para um fim?

---

<sup>1</sup> « Diz-se que a existencia do mal é um argumento contra a de Deus, porque, se Deus existisse, esse mal, que é uma injustiça, não existiria. Esses individuos sabem pois que Deus, que não existe, é essencialmente justo! Conhecem os attributos d'um sêr chimerico; estão em situação de nos dizer, n'um dado momento, como é que Deus seria feito, se por acaso existisse um Deus; em verdade, não ha loucura melhor condicionada. Se fosse permitido rir n'um assumpto tão triste, quem não riria, ao ouvir homens, que se prezam de trazer uma cabeça sobre os hombros como nós, argumentar contra Deus com a ideia que o proprio Deus lhes deu de si mesmo, sem repararem que basta essa ideia para provar Deus, visto que não se pôde ter uma idela do que não existe? Effectivamente, pôde o homem representar aos seus olhos outra cousa além do que existe? A inexgotavel imaginação de Raphael ponde cobrir a sua famosa galeria com reuniões phantasticas; mas cada peça existe na natureza. Succede o mesmo no mundo moral; o homem não pôde conceber senão o que existe; assim o atheu, para negar Deus supõe-o ». (J. DE MAISTRE, *Soirées de Saint-Petersbourg*, VIII)

Pelo contrario ; não vemos na natureza senão a unidade e a continuação da obra de Deus. Assim, as leis que presidem á gravitação dos astros são eternas, e continuam sempre a exercer-se ; as leis que querem que os atomos exerçam a sua attracção sobre as parcellas mais pequenas, attrahindo-se ou repellindo-se uns aos outros, são igualmente immutaveis ; immutaveis, ainda, as leis que fazem com que as flores se desenvolvam successivamente por meio de combinações cada vez mais sábias, através de orgãos cada vez mais complicados, para chegarem, enfim, aos fructos. Ha pois vestigios de ordem na natureza, — vestigios evidentes de sabedoria.

N'isto, não ha sómente uma constancia de ordem na natureza ; ha tambem uma lei de progresso. A cosmogonia e a geologia ensinam-nos que o nosso mundo foi lançado no espaço sob a fórma d'uma nebulosa que em seguida arrefeceu ; formou-se a terra ; depois, surgiu a vida, primeiro sob fórmas rudimentares, mais tarde com especies superiores e mais perfeitas, até ao advento d'essa cupula da criação material : o homem. Houve, pois, um progresso contínuo na obra de Deus.

Consideremos agora o mundo moral. Que lei vemos presidir ao seu destino ? Essa lei geral do mundo do espirito é o progresso, o progresso que começou desde a origem do homem, cujos vestigios se encontram já nas cavernas da edade da pedra, e que ficou sendo a lei da humanidade.

Ha épocas em que a civilisação avança mais no espaço de cincoenta annos do que, em outras épocas, progride durante um seculo, mas, emfim, o progresso caminha sempre d'um modo ininterrupto. Na ordem moral verifica-se indubitavelmente a existencia de épocas em que a civilisação pareceu recuar, como durante o Terror, em 1793; mas estas épocas funestas apenas duraram um momento, e o progresso continuou a sua marcha victoriosa. Os costumes suavisaram-se; as perturbações tenderam a desaparecer, as guerras pareceram menos desejadas.

Finalmente, apagamos dos nossos corações essa horrivel palavra, esse *væ victis!* que outr'ora soava pelo mundo. A liberdade surgiu; é protegida, o arbitrio tende a cessar; e, finalmente, a escravatura desapareceu da quasi totalidade da terra, excepto em algumas partes d'esse immenso territorio de Africa, terra ainda fechada, mas sobre a qual ousados pioneiros christãos plantaram já a bandeira da civilisação.

Assim, para qualquer lado que nos voltemos, o progresso physico e moral manifesta-se e affirma-se cada vez mais. Ha apenas um terreno sobre o qual esta lei não se verifica inteiramente; é na ordem moral. Ninguem dirá que Victor Hugo seja um poeta maior do que Sophocles; como musico, Muzart vale certamente Berlioz; e, finalmente, Apelles, o maior pintor da antiguidade, tinha certamente linhas, uma anatomia

e um colorido que em nada cedem ao poder d'um Raphael, d'um Miguel Angelo, e com melhor razão, ao dos nossos pintores modernos. O homem não é certamente mais intelligente hoje do que o era ha 2:000 annos; mas a humanidade, no seu conjuncto, progrediu.

N'este grande desenvolvimento do progresso, o Evangelho foi um acontecimento consideravel. A Europa christã, com todas as raças que d'ella descendem, na America e nas outras partes do mundo, conservou-se á frente d'esta marcha para o futuro.

Antes da refutação da objecção que acima enunciamos, cumpria-nos fazer todas estas considerações, para se comprehender bem que basta apenas a contemplação do mundo para nos revelar já uma organização admiravel na origem das cousas, tanto no mundo moral como no mundo material, manifestando uma vontade determinada, um espirito de sequencia na concepção, e só podendo emanar d'um sêr estranho e superior a esta ordem de cousas. Chegamos agora directamente ao fundo da questão e abordemos o problema do soffrimento.

O problema do soffrimento não é mais que a questão philosophica do mal physico. Explica-se por este modo: Deus creou uma ordem geral, mas, para a execução das diversas disposições d'essa ordem geral, serviu-se d'outras actividades além da sua. Previu até os mais insignificantes pormenores da ordem geral que conce-

beu; mas, para a realização d'esse plano de conjuncto, baseou-se em causas secundárias. Communicou alguma cousa do seu governo a seres inferiores; é pois a elles, e não a Deus, que é preciso attribuir a existencia do mal physico. Assim, d'um extremo ao outro da natureza, Deus confia a causas secundarias uma parte da direcção geral da obra e essas causas secundarias não se desempenham tão perfeitamente da sua missão como se desempenharia o proprio Deus. Ninguém deseja supprimir o fogo por causa de se darem, por vezes, sangrentos incendios; a agua é igualmente uma boa cousa, que ninguem pensaria em supprimir porque ha pessoas que se afogam n'ella; e assim succede com todos os outros elementos. Apesar das imperfeições da criação, não se póde negar que ella revela uma grande sabedoria, e que devemos inclinar-nos perante a ordem superior e a sábia concepção que regula a marcha geral do universo.

Concordo que nos encontramos, por vezes, em presença de extranhas e dolorosas difficuldades; reconheço que existem lacunas de ordem physica; reconheço que o edificio não é perfeito. Mas não vemos isto, frequentemente, em volta de nós? Quando contemplamos uma construção magnifica, da qual está apenas terminada uma ala, não pensaes que falta ahí alguma cousa que deve completar a obra do architecto? Quando vemos uma porta monumental isolada

a um lado d'um edificio, não dizemos que falta uma porta igual, do outro lado, para haver harmonia? Da mesma fórma, considerando o conjuncto do universo, perguntamos se Deus fez uma obra definitiva, inteiramente adequada á sua sabedoria e providencia; e temos um movimento de inquietação. Estou persuadido de que ha alguma cousa de doloroso na existencia d'este mundo; mas tenho confiança; creio que existe, n'essas dores, como que a gestação d'um outro universo, não sei que mysterio de preparação d'um mundo futuro mais perfeito. Tenho confiança em Deus; creio no advento d'esse mundo melhor, e fortificado por essa esperança, caminho confiadamente através de todas as difficuldades.

O soffrimento tem um sentido na natureza; mas que sentido é esse?

Tu fais l'homme, oh Douleur! oui, l'homme tout entier  
Comme le creuset l'or et la flamme l'acier  
Comme le grès noirci des debris qu'il enlève,  
En déchirant le fer, fait un tranchant au glaive :  
Lui ne t'a pas connu ne sait rien d'ici-bas ;  
Il foule mollement la terre, il n'y vit pas ;  
Comme une nuage, il flotte sur la vie ;  
Rien n'y marque pour lui la route en vain suivie ;  
La sueur de son front n'y mouille pas sa main ;  
Son pied n'y heurte pas les cailloux du chemin ;  
Il n'y sait pas, á l'heure où faiblissent ses armes,  
Retremper ses vertus aux flots brulants des larmes,  
Il n'y sait point combattre avec son propre cœur,  
Ce combat douloureux dont gémît le vainqueur

Elever vers le ciel un cri qui le supplie,  
 S'affermir par l'effort sur son genou qui plie,  
 Et dans ces desespoirs, dont Dieu seul est témoin,  
 S'appuyer sur l'obstacle et s'élancer plus loin ! <sup>1</sup>

O soffrimento explica-se sob muitos pontos de vista. Muitas vezes é uma expiação. « Considerae a vida, diz Victor Hugo; ella é feita de tal sorte, que por toda a parte se sente o castigo. » <sup>2</sup> Ora, a dôr bem accete purifica e eleva a alma. <sup>3</sup> Sem os perigos e as crueldades da guerra, jámais se veria o heroismo do soldado; sem os leões devoradores do circo não conheceriamos a constancia do martyr; sem o soffrimento de todos os dias, não conheceriamos a força da alma; sem as luctas politicas, não haveria coragem civica. Deus deve encontrar um espectáculo impressivo n'este duello do homem, luctando contra a dôr, succumbindo algumas vezes, er-

---

<sup>1</sup> LAMARTINE, *Harmonies poetiques*, II, VI.

<sup>2</sup> *Les misérables*, IV, VII, 1, Netzel.

<sup>3</sup> « Effectivamente, são os martyres da dôr que vereis sempre manifestarem-se mais ternos no amôr, mais compadecidos pelos males de outrem, mais promptos para socorrerem o infortunio, mais fortes na lucta, mais magnanimos no perigo e mais dedicados no sacrificio. Pelo contrario o homem sêcco, duro, egoista, que goste das suas commodidades, vil, cobarde, tremendo quando se fala em dedicação, quando o virdes, podeis dizer com toda a segurança: este homem nunca soffreu, ou não soube soffrer. » (MONSABRÉ, *Conferences de Notre Dame*, 1876, pag. 175: *A ideia de Deus.*)

guendo-se outras vezes, e, como outr'ora Israel, forte contra o proprio Deus, em combate com o soffrimento e victorioso sobre os seus golpes.

De resto, o soffrimento é uma das condições do progresso na humanidade e na civilisação.

Sei bem que, n'esta marcha para o progresso, alguns infelizes serão arrebatados pela engrenagem e despedaçados pela machina. Se o meu coração se detem um instante, commovido, deante d'estes dramas passageiros, tranquilliso-o com o pensamento de que, apesar de tudo, a dôr presente é apenas um sonho, um pesadello, porque a vida humana, mesmo contando á larga, não excede oitenta annos, e se, depois d'ella, existe uma vida futura, uma eternidade de felicidade, por muito que tenha soffrido, agradecerei a Deus a brevidade da minha passagem sobre a terra e o ter-me feito soffrer para me ensinar melhor a amál-o no ceu conquistado! Que importam alguns annos de lagrimas, de soffrimentos e de soluços, se, depois do horrivel mysterio, se ergue uma aurora de claridade e de felicidade? Meu Deus, a despeito de tudo, espero em vós, confiarei até á minha ultima hora na vossa sabedoria e no vosso amôr; tenho fé no futuro e no progresso; vós não poderieis ter feito uma obra de crueldade e de barbarie! O mysterio assusta-me; commove a minha carne; mas, através das sombras espessas, vejo despontar a claridade immortal!

Falam-me de Herculanium e de Pompeia

para sempre desaparecidas brutalmente ; responderei que este mundo é apenas uma travessia, uma passagem, que tudo, na terra, nasce e morre ; e que essas cidades, talvez bem culpadas, nada mais fizeram do que seguir a lei geral.

A morte é sempre a morte ; quer seja lenta ou violenta, tardia ou prematura, é sempre o regresso a Deus, o fim dos trabalhos, a realisação d'um objectivo superior para o qual fomos creados e para o qual tendemos.

A vida é sómente um local de passagem ; não estamos na terra para ficarmos n'ella ; é preciso partir.

Esta partida arranca-nos um grito, sobretudo quando se produz bruscamente. Mas Deus, chamando-nos a um outro mundo, tem as suas vistas profundas e mysteriosas.

A morte é amarga, muitas vezes cruel ; mas é a porta da vida.

A morte não é senão o grande soffrimento. Toda a vida humana é apenas uma serie de dôres, uma subida do calvario.

Mas... porque existe a dôr ? Porque existem essas asperas mordeduras do mal nos flancos do homem ? Porque é que se cravam nas suas entranhas essas pontas agudas ? Porque é que um abutre nos rõe o figado ? Porque estão essas serpentes em volta do immortal Laocoonte ?

Será uma lei de *expição* ?

Será uma lei de *experiencia* ?

Será uma lei de *merito* ?

É tudo isto, *sem duvida* ; é tudo isto, *certainmente* ; porque Deus é mais intelligente do que nós ; a sua bondade não pôde ser inferior á nossa ; é justo ; sabe o que quer e porque quer.

Agarramo-nos desesperadamente á vida ; gritamos com a dôr de a deixar. E, todavia, se-meam-na tantos soffrimentos, tantas provas ! Deus não quer que nos comprazamos n'ella, que paremos na terra, que encontremos na vida o nosso repouso. Muitas vezes, torna-nos a existencia má e amarga ; impelle-nos para outro fim, deseja-nos em outra parte....

Oh morte, tu és apenas uma libertação !

Oh morte, tu és a porta d'uma outra vida !

Comprehendo o desespero amargo dos materialistas e as raivas d'este seculo sensual, que não acredita na sobrevivencia.

Se não se acredita na immortalidade da alma e na paz futura, nada mais existirá senão o prazer desenfreado, depois o desespero, depois a blasphemia, e por ultimo o suicidio.

Mas aquelles que teem confiança em Deus esforçam-se por merecer, pela sua paciencia e pelos seus meritos, o futuro reino de Deus.

E esse reino de Deus ha-de vir até nós. Dentro em pouco tempo, saberemos tudo ! A mulher soffre quando dá á luz ; mas, depois, rejubila por ter dado um homem ao mundo. Tambem nós geramos nas dôres a nossa immortalidade.

Erguei a fronte e acreditae na vida eterna ! E vós mesmos, adversarios da minha fé, provaes esta vida futura ! As vossas objecções certificam-na. A vida futura está no termo de toda a noção de Deus ; é a consequencia de todos os conhecimentos do tempo presente.

N'esta esperanza das cousas futuras, é conveniente que aquelles que são christãos dêem o exemplo, e que, fortificados nas suas crenças, espiritalistas pela revelação, estejam sempre promptos a partir quando Deus os chamar.

Póde abater uma egreja, póde arder um edificio de caridade, e isso é a morte, a morte violenta ; mas é sempre, tambem, um fim que devemos prevêr, um caso particular na lei geral da incerta partida. É preciso que os christãos sejam os primeiros a saber morrer.

É preciso, tambem, que saibam soffrer. Christo, que é o seu modelo, tambem soffreu ; e a sua religião é a religião do soffrimento.

A Egreja fundou-se no meio das torturas, das agonias de amphitheatro, das fogueiras rubras.

É necessario que a raça christã não se enfraqueça nem se avilte. É por esse motivo que Deus, de vez em quando, aggrupa as partidas em sangrentos heroismos collectivos. Não vos enganéis sobre o significado d'essas mortes ; são redempções e salvações. Recordae-vos da morte da duqueza de Alençon e d'essa Irmã que quiz morrer com os braços em cruz. Quando as vi-

ctimas são puras, operam, com Christo, o resgate social.

Sim, para todos os nossos crimes, para todos os nossos maleficios, para os nossos roubos, os nossos adulterios, as nossas traições, as nossas mentiras, para preservar Sodoma, é preciso o sangue e os soffrimentos redemptores dos justos! Podemos deplorar os males, mas consolamo-nos d'elles ao voltarmos os olhos para a cruz, para esse pharol luminoso, sem o qual nada é comprehensivel e tudo é negro.

*O cruz ave, spes unica!*

Falam-nos das creancinhas que morrem em tenra idade... Sabeis se ellas, crescendo, seriam felizes? Se esses innocentes soffrem durante alguns dias, antes de irem cingir a sua corôa de anjos, é sem duvida ainda por uma pura, uma lyrial, uma branca redempção de tantas almas miseraveis,

Perguntaes onde está Deus. Está na consciencia do justo, a quem sustenta e torna heroico. Elle é o lar do miseravel, o balsamo do crucificado, a consolação d'aquelle que é calumniado, o supremo appello dos innocentes condemnados, a patria dos exilados e o sol dos moribundos.

Onde está Deus? Está na cruz, onde derrama a ondas o exemplo, o remedio e o auxilio. Está

no céu, d'onde contempla as nossas luctas e d'onde nos chama, estendendo-nos os braços.

Quando um infeliz o supplica, ao contrario do que dizem aquelles que se fazem echo das duvidas criminosas d'este seculo embriagado de orgulho e de sensualismo, Deus inclina-se, Deus escuta, Deus responde... E á alma desvairada, á alma ferida, desesperada, que o implora, murmura: *coragem!* e grita-lhe com indizivel accento: **Esperança!**...

P.<sup>E</sup> POULIN.

*(Conferences de Saint-Roch)*

# INDICE

---

## As theorias modernas da criminalidade

	PAG.
PREFACIO . . . . .	5

### CAPITULO I

Historia. — Doutrina corrente. — Ideia dirigente das novas theorias: transformismo e hereditariedade. — As plantas criminosas e os animaes criminosos—Caracteres anatomicos do criminoso: craneo, face, nariz e orelhas. — O typo criminoso. — Sua utilidade segundo Lombroso. — O methodo dos registros anthropometricos de Bertillon	11
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

### CAPITULO II

Caracteres physiologicos e physionomicos dos criminosos.—Dificuldades d'estas investigações.—Tatuagens. — Calão.—Intelligencia, sentimentos religiosos, paixões de criminosos. — Reincidencia.— O crime primitivo. — O criminoso-selvagem actual.—A criminalidade infantil. . . .	32
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

## CAPITULO III

	PAG.
Theorias pathologicas do crime.—O crime, manifestação unica do crime.—O criminoso louco.—O criminoso epileptico.—O criminoso hysterico, neurasthenico e degenerado.—Theorias sobre as causas sociaes.—Conclusão. . . . .	51

---

**A existencia de Deus  
e o problema do soffrimento**

Excerptos d'uma conferencia do P. <sup>e</sup> Poulin en Saint Roch, Paris. . . . .	75
-------------------------------------------------------------------------------------	----

F  
347.59  
D339t



2100



Este livro deve ser devolvido na última data carimbada

23.5.51

~~29.1.52~~

11.7.53

7.5.54

E. 11 - 10.000 - 51

Jun. 1947

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIVERSIDADE DO RECIFE

Delassus

As theorias modernas da criminalidade

F289-51 F 341.59 D339t

/dp

Prove que sabe honrar os seus compromissos devolvendo com pontualidade este livro à Biblioteca.

---

Se, findo o prazo de empréstimo (2 semanas), o livro não for devolvido, será cobrada uma multa de um cruzeiro por dia.

